CRB

REVISTA DA CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

SUMÁRIO

385 — Cabe aos Religiosos Tarefa Importante na Renovação Litúrgica da América Latina — CLAR

391 — "O Seminário Regional do Nordeste Tem Uma Missão Histórica a Cumprir" — DOM HÉLDER CÂMARA

399 — As Religiosas São um Sinal Para o Mundo Por Serem Uma Imagem da Fidelidade e da Dedicação da Igreja na Sua Aliança Com o Divino Esposo — PAUL GERARD HINNEBUSCH, O.P.

413 — A Educação Falha se Não Souber Inculcar o Sentido Social — LAURA JACOBINA LACOMBE

423 — O Fenômeno da Pluralização no Brasil Modifica Profundamente as Perspectivas Pastorais — PADRE PAULINO GOLLARTZ, O. CARM.

433 — A Igreja na América Latina Está Empenhada Num Esforço de Renovação — ALBERTO LLERAS

444 — Consultas — IX : *Normas a observar ao pedir à Santa Sé a aprovação das Constituições e o decreto de louvor*

CRB Informa, 412 — Note e Anote: *A comunhão sob as duas espécies*, 430; *Uma nova experiência de pastoral paroquial em Elias Fausto*, 430 — Pelas revistas, 440; *O problema pastoral das grandes cidades*, 442 — Recensões bibliográficas, 447

ANO XI — N.º 121
JULHO DE 1965

Cabe Aos Religiosos Tarefa Importante na Renovação Litúrgica da América Latina

Pronunciamento importante do Presidente da Confederação Latino-Americana de Religiosos (C L A R)

No dia 11 de novembro último, o Revmo. Padre Manuel Edwards, SS.CC., Presidente da CLAR, dirigiu-se aos bispos da América Latina, assegurando-lhes a firme vontade de os religiosos se colocarem a serviço da renovação litúrgica, sob a direção dos bispos. Declarou que esta colaboração é apenas uma decorrência da função que êles têm na Igreja: dar testemunho e servir. Reconheceu que isto exigirá dos religiosos sacrifícios de várias naturezas, especialmente o de vencer nosso apêgo (individual ou coletivo) às devoções que herdamos do passado. Como pontos mais práticos, sugerimos a reflexão sôbre o breviário como órgão da comunidade, sôbre as missas privadas em altares laterais em conventos que têm mais sacerdotes, sôbre as missas conventuais (missas da comunidade religiosa), sôbre as missas nos colégios, sôbre o estudo bíblico como condição para entender a liturgia etc. Os subtítulos são da

REDAÇÃO

A firme vontade de os religiosos participarem decididamente na renovação litúrgica

Senhores Bispos :

Como Presidente da Confederação Latino-Americana de Religiosos (CLAR), represento neste momento os 150 000 religiosos e religiosas da América Latina. Em nome de todos êles, quero expressar nossa firme vontade de participar decididamente na renovação litúrgica da América Latina, sob a direção dos bispos, postos pelo Espírito Santo para governar a sua Igreja : nós, religiosos, somos membros da Igreja.

Em poucas palavras quereria expor aqui os *fundamentos* dessa nossa disposição e as *formas* que nossa participação deve tomar.

Os religiosos devem renovar-se por causa da função que têm na Igreja

O que caracteriza a vida religiosa na Igreja é constituir uma *forma de vida* na qual se realiza, de maneira comunitária, corporal e visível, a consagração total ao reino de Deus. Isso explica a dupla função que tem na Igreja a vida religiosa: *função de testemunho* e *função de serviço*. Daí nasce a urgência de que sejam os religiosos os mais dispostos e decididos a renovar-se a si mesmos e a colaborar na renovação geral, sempre que a Igreja chama, de forma solene e grave, à reforma conforme o Evangelho. Para os religiosos, vai nisso a fidelidade à vocação que o Senhor lhes deu; a Igreja conta com essa renovação dos religiosos, e sua ausência deixaria importante tarefa por fazer.

É através de uma intensa vida litúrgica que os religiosos devem dar testemunho do aspecto transcendental da Igreja

A vida religiosa *deve ser testemunho* de uma vida cristã levada até suas últimas exigências um exemplo que mostre a transcendência do reino de Deus sôbre os valôres temporais; uma realização autêntica da primazia da caridade. Claro está que, para cumprir esta missão, a vida religiosa tem que renovar-se a si mesma em sua vida litúrgica, que "é a primeira e necessária fonte, da qual os fiéis haurem o espírito verdadeiramente cristão" (*Constituição da Liturgia*, 14). Deverá esta renovação ter em conta que a "Liturgia é o cume para o qual tende a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, é a fonte de onde brota tôda a sua fôrça" (*C.L.*, 10). E isso exigirá que a vida de oração, tanto individual como comunitária, esteja centrada na oração litúrgica e que todos os demais "exercícios de piedade condigam com a sagrada liturgia, dela de alguma forma derivem, para ela encaminhem o povo, pois que ela, por sua própria natureza, em muito os supera" (*C.L.*, 13).

Os religiosos devem dar primazia à piedade litúrgica sôbre os exercício de piedade

É fácil compreender que isto não se fará sem obstáculos. Custa-nos a todos deixar as tradições que durante muitos anos foram herança sagra-

da em nossos institutos e contribuiram largamente para formar e alimentar nossa vida espiritual. Devemos reconhecer o valor que providencialmente tiveram essas práticas, em tempos quando a Igreja inteira sofria de uma liturgia formalista. Hoje em dia as coisas mudaram, e o Concílio é ouvido com avidez e em tôdas as comunidades religiosas. A vontade de sentir e viver com a Igreja está-se manifestando promissora.

A ação litúrgica: a ação sagrada por excelência das comunidades religiosas

Um encargo importantíssimo da CLAR será o de ajudar as comunidades religiosas, especialmente as femininas, a realizarem uma autêntica vida litúrgica.

Que centro de atração seriam as comunidades religiosas se efetivamente nelas a ação litúrgica constituísse a "ação sagrada por excelência" *C.L., 7*) !

E, ao mesmo tempo, que fonte de irradiação, já que assim podem "expressar em suas vidas e aos outros manifestar o mistério de Cristo e a genuína natureza da verdadeira Igreja" (*C.L., 2*).

Se os religiosos têm função de servir, antes de mais nada devem contribuir para a renovação litúrgica

Aqui devemos assinalar a *segunda função* da vida religiosa na Igreja : a função de serviço. A caridade nos impele a servir. Na vida religiosa essa urgência se deve transformar em disponibilidade total para servir a Igreja e de preferência os pobres. Parte fundamental dêsse serviço apostólico tem que ser a contribuição à renovação litúrgica, já que na liturgia "se exerce a obra de nossa redenção" (*C.L., 2*) e "os trabalhos apostólicos se ordenam a isso : que todos, feitos pela fé e pelo Batismo filhos de Deus, no meio da Igreja participem do sacrifício e comam a ceia do Senhor" (*C.L., 10*).

O fato de os religiosos constituírem a maior parte do pessoal apostólico aumentou sua responsabilidade

Em nossa América Latina o serviço apostólico dos religiosos e sua contribuição para a renovação litúrgica adquire proporções que significam uma responsabilidade muito séria. Constituindo quase 90% do pessoal apostólico consagrado, os religiosos e religiosas da América Latina receberam dos bispos uma infinidade de obras apostólicas, confiadas a seu amor

pelas almas. Seria ilusório crer na renovação litúrgica na América Latina se os religiosos e religiosas não entrassem em cheio nesse movimento e não o realizassem sincera e generosamente em tôdas as obras que dirigem e em tôdas suas atividades apostólicas.

De outro lado, será um trabalho árduo

Em muitos casos custará esforços e sacrifícios grandes. Pensamos no que é o pêso do costume; no que custa mudar de mentalidade e de atitude; no temor que a muitos assalta sôbre a eficácia da pedagogia pastoral que supõe a renovação litúrgica. Inclusive haverá que contar com interêsses menos nobres e difíceis de justificar, que têm contudo uma real influência prática na visão da pastoral. Sem ser tudo isso exclusividade dos religiosos, devemos nós tomá-lo muito a peito para obter a readaptação dos que "já labutam na vinha do Senhor, (e) sejam auxiliados por todos os meios oportunos para que sempre mais plenamente entendam o que realizam nas sagradas funções, vivam a vida litúrgica e a façam dela participantes os fiéis a êles confiados" (*C.L.*, 18).

Várias formas de nossa participação

Em tôdas as *atividades pastorais diretas* e na *pastoral educacional*, os religiosos deverão assim contribuir eficazmente para a renovação litúrgica entre o povo de Deus de nossa América.

Convém assinalar explicitamente, entre essas *atividades pastorais* diretas, o ministério paroquial em todos seus vários labôres e na pregação missionária, de tanta importância em nossos países.

Tarefa dos religiosos: ajudar as paróquias a realizarem sua renovação litúrgica

Há uma dupla tarefa a ter em conta na renovação litúrgica paroquial (e melhor seria dizê-lo da renovação pastoral em geral). Em primeiro lugar, a que se refere à compreensão e mudança de mentalidade. É indispensável aqui uma colaboração muito estreita entre o clero diocesano e os religiosos; os cursos de renovação pastoral que em muitos países se estão efetuando e que o Instituto Latino-Americano de Pastoral realiza de forma muito mais profunda — são o meio indicado para isso. Mas tal não será o suficiente; é preciso que o pároco, diocesano ou religioso, entre com a ajuda de que carecerá para poder pôr em prática em sua paróquia o que

tenha visto nesses casos. Se êle fica desamparado neste ponto, bem pouco se conseguirá de durável e de autênticamente vital. A Constituição da Sagrada Liturgia dispõe que em cada país se constitua um Instituto de Pastoral Litúrgica e em cada diocese uma Comissão de Liturgia (nn. 44 e 45). Os religiosos estarão dispostos a colaborar nessas instituições e estarão esperando seus chamados, pois compreendem que aí podem servir eficazmente.

Especialmente as missões populares devem ser um meio excelente para introduzir uma renovação litúrgica

As *missões* em nossos países não só constituem uma tradição honrosa e proveitosa mas são até uma atividade pastoral absolutamente necessária, dada a escassez de sacerdotes e a dispersão em territórios extensos da população. Para muitíssimas regiões, é a única forma de evangelização e de pastoral que se dá. Há muito que rever no que toca à organização, métodos e pregação de nossas missões tradicionais. Em matéria litúrgica é talvez mais importante que em nenhuma outra, já que é o cume e a fonte da vida cristã (*C.L.*, 10). Será preciso fazer compreender aos missionários como, apesar das aparências, é mais durável e penetra mais fundo uma liturgia em que se "exprimam mais claramente as coisas santas que êles (texto e cerimônias) significam e o povo cristão possa compreendê-las fàcilmente na medida do possível, e também participar plena e ativamente da celebração comunitária" (*C.L.*, 21). Em nossos campos e sobretudo nos meios populares introduziram-se elementos "que não correspondem bem à natureza íntima da própria liturgia" (*C.L.*, 21); muitas vêzes, deveríamos desconfiar de certas práticas que, pensamos, mantêm alguma religiosidade, quando na realidade a estão é embaraçando. É bem certo o que alguém dizia: "Graças a Deus que os católicos não vão à missa"! Isto foi o começo da inquietação pastoral e da renovação que hoje se vê necessária.

Os religiosos leigos, muito em especial as religiosas, têm nessas lides missionárias, e também nas tarefas paroquiais, um campo maravilhoso de colaboração na renovação litúrgica. Suposta a própria vida litúrgica, se compreende tôda a contribuição que podem trazer.

As escolas católicas devem ser centros de autêntica vida litúrgica

A *Pastoral Educacional* da Igreja está porém constituída, na América Latina, quase exclusivamente pela ação que realiza através dos institutos de ensino nos diversos níveis. Não é êste o lugar de analisar esta situação nem o de insinuar outras possibilidades. Onde ela se mantiver, deve

a escola católica ser um centro de formação cristã afetivo e por isso um centro de vida litúrgica. Cabe aos religiosos e religiosas, neste campo, uma responsabilidade muito especial. Não só porque são êles que dirigem a grande maioria dos ditos estabelecimentos católicos, mas também porque é um campo que ficou, muito mais que os outros, ao abandono da iniciativa própria. Isto deverá mudar depois da promulgação do Decreto de *Pastorali Episcoporum Munere;* mas, entretanto, os religiosos e as religiosas deverão fazê-lo por si mesmos mediante o ingresso de seus colégios e escolas no movimento de renovação litúrgica : e não sòmente o ensino da liturgia e sim, sobretudo, a vida litúrgica do colégio todo, em que alunos e mestres participem plenamente e em comunidade.

Estamos à disposição do Episcopado

Senhores Bispos :

Imensa é a tarefa que o Senhor lhes confia ao fazê-los responsáveis pela renovação litúrgica da América Latina; tarefa enorme e de uma formosura sem igual. Nós, religiosos da América Latina, reclamamos um pôsto de vanguarda neste trabalho e oferecemos humildemente nosso serviço e nosso testemunho. Queremos realizar com todo o povo de Deus o que a Constituição da Liturgia tão belamente nos diz : "Na liturgia terrena, antegozando, participamos da liturgia celeste, que se celebra na cidade santa de Jerusalém, para a qual, peregrinos, nos encaminhamos. Lá, Cristo está sentado à direita de Deus, ministro dos Santos e do tabernáculo verdadeiro, com tôda a milícia do exército celestial entoamos um hino de glória ao Senhor e, venerando a memória dos Santos, esperamos fazer parte da sociedade dêles; suspiramos pelo Salvador Nosso Senhor Jesus Cristo, até que Êle, nossa vida, se manifeste, e nós apareçamos com Êle na glória" (*C.L.*, 8).

(Tradução do Boletim da ULAR, janeiro de 1965)

VIAJANDO DA EUROPA PARA O BRASIL QUASE DE GRAÇA...

Os religiosos que se destinam ao Brasil, procedendo da Itália, Espanha, Grécia, Bélgica, Holanda, Áustria ou Alemanha, podem viajar como EMIGRANTES, gastando para sua passagem a importância mínima de Cr$ 45 000. O processo é fácil e rápido. Não há privilegiados!

Para qualquer informação, inclusive ato de chamada, favor dirigir-se à Conferência dos Religiosos do Brasil.

Não gaste dinheiro que poderá usar para obras apostólicas.

"O Seminário Regional do Nordeste Tem Uma Missão Histórica a Cumprir"

DOM HÉLDER CÂMARA

Transcreveremos aqui o discurso de Dom Hélder Câmara, feito quando da inauguração do Seminário Regional do Nordeste, em Recife, no dia 2 de maio último. Êle acentua que podemos distinguir mas não separar evangelização e humanização. Por fôrça das circunstâncias, o Seminário Regional terá a missão de orientar a consciência dos que se engajam no desenvolvimento econômico e social da população. Desta maneira, tem uma responsabilidade em relação ao Brasil inteiro e até dos outros países subdesenvolvidos.

A REDAÇÃO

I — Realismo da Igreja. Continuadora do Cristo

A Santa Sé desejou e, pràticamente, construiu o Seminário Regional do Nordeste, que V. Ex.ª Revm.ª, em nome do Santo Padre, o Papa Paulo VI, na manhã de hoje, ofertou ao Pai no Santo Sacrifício e vai, solenemente, declarar inaugurado, dentro de poucos instantes.

Nossa maneira de corresponder à solicitude do Sumo Pontífice consiste em dizer o sinal imenso que descobrimos nesta instituição e o programa de vida e de trabalho que o Seminário Regional nos inspira.

Sem dúvida, aqui, como em qualquer parte do mundo, o Seminário é uma instituição destinada a formar sacerdotes e, aqui, como em todos os recantos da terra, a missão essencial do padre é o anúncio da mensagem da Salvação. Mas a Igreja, Continuadora do Cristo, tem o ensejo do real: sabe descobrir o que lhe cabe especificamente fazer, agora, aqui,

O Seminário Regional pode ser considerado como um sinal e um programa de vida e de trabalho, pois se abre no coração do Nordeste, quando se inicia a década do desenvolvimento.

Por fôrça destas circunstâncias, o seminário tem uma missão a cumprir.

nas circunstâncias de tempo e de lugar em que se acha. Ora, o Seminário Regional se abre em 1965 e no Recife. Para quem tem olhos de ver, isto significa: o Seminário se abre no coração do Nordeste brasileiro e quando já se inicia a década do desenvolvimento.

Ocorre que *desenvolvimento* é uma grande e bela noção, até hoje muito mutilada em sua essência e muito sacrificada em suas implicações. Quando muito se tem completado o desenvolvimento econômico pelo desenvolvimento social. Quando muito se parte do desenvolvimento de uma região para a expansão global de um país.

O Seminário Regional nasce com a incumbência de dar-nos sôbre a idéia do desenvolvimento tôda a sua larga significação humana e de acrescentar-lhe a dimensão nova que o sobrenatural traz aos limites humanos.

O Seminário Regional, dentro da idéia exclusiva de serviço e confiante em Deus que se serve de instrumentos humildes, nasce atento a uma circunstância que lhe parece *providencial*: a América Latina tem posição singular no embate entre o Mundo desenvolvido e o Mundo em desenvolvimento. Acontece que o Brasil dentro da América Latina, o Nordeste dentro do Brasil, o Recife dentro do Nordeste — e quem sabe, o Seminário Regional dentro do Recife — têm missão a cumprir, serviço a prestar.

Entender esta problemática é compreender o acêrto com que Roma pràticamente exigiu êste Seminário, maneira discreta e segura de estar presente ao desenvolvimento, o mais universal, o mais importante e o mais urgente problema enfrentado pela humanidade nos nossos dias.

II — Indevida e falha a divisão entre Evangelização e Humanização

Esta Casa preparará sacerdotes para evangelizar. Mas não se evangelizam sêres abstratos, intemporais e residentes no vácuo. Evangelizam-se criaturas humanas, concretíssimas, inseridas no espaço e no tempo.

Ora, quando os nossos seminaristas chegam a igrejas e capelas e falam sôbre a graça divina, isto é, sôbre a presença em nós da Santíssima Trindade, o que nos faz participar da própria vida divina, como poderão esquecer que a vida divina é anunciada a auditórios que em boas duas têrças partes vivem em condições subumanas?!... Quando anunciam o Pai Celeste, de Quem todos somos filhos — o que, a nós todos, nos torna irmãos — estão anunciando uma ilusão que a vida despedaçará, de maneira terrível.

Facílimo multiplicar exemplos dêste gênero. Insistir em pairar numa linha de pura evangelização espiritual, seria dar, a curto prazo, a idéia de que a religião é teoria desligada da vida e sem fôrça para atingi-la e modificá-la no que tem de absurdo e errado. Seria, inclusive, dar aparência de razão a quem sustenta que religião, a grande alienada e grande alienadora, é ópio para o povo.

Em nome do Cristo, fazendo evangelização, em regiões como a nossa, chegamos, de cheio, à humanização. Os limites entre os dois campos são puramente teóricos, o que não importa em esquecer que, teològicamente, a tarefa de evangelização não se confunde com a de humanização.

E os Bispos Nordestinos — com o nosso Clero, nossas Religiosas e nossos Leigos — nos vemos em pleno esfôrço pelo desenvolvimento. Seria farisaísmo nosso não nos interessarmos pelo desenvolvimento econômico. E, um dia, pedimos aos técnicos do Govêrno que se pusessem de acôrdo e chegassem a uma planificação global para a Região, ponto de partida indispensável para romper a barreira do subdesenvolvimento.

Logo sentimos que a nós nos cabia a missão de ajudar a preparar o Povo para o desenvolvimento, evitando que o desenvolvimento caísse do alto; desecsse, feito, de uma cúpula, impingindo nossa tecnocracia.

E começamos a promover o Movimento de Educação de Base, tirando partido do rádio transistorizado, que nos permite chegar mesmo aos pequenos recantos não atingidos pela eletrificação, para dar, às massas em condições subumanas, a *base* para sua realização humana e cristã. Mais importante, então, do que a simples alfabetização é, para nós, colocar as criaturas de pé, abrir-lhes os olhos, despertar-lhes a consciência. Se nos omitissemos — e a expressão já nos lembra o pecado de omissão — sem nós ou contra nós, amanhã, os olhos se abririam, a consciência despertaria, as criaturas se poriam de pé. Apenas, guardariam a impressão de terem sido abandonadas pela Igreja, que lhes pareceria, então, como dizem os anticlericais, acumpliciada com a burguesia.

> **A evangelização é estéril quando fizer abstração dos problemas concretos nos quais se debate o povo. Evangelização verdadeira implica de alguma maneira humanização, inclusive interêsse pelo desenvolvimento econômico.**
>
> **Cabe à Jerarquia dar a reflexão teológica sôbre assuntos temporais, e estimular os leigos e os técnicos engajados no desenvolvimento. Cabe-lhes também dar cobertura moral à defesa de direitos humanos.**
>
> **De outro lado, não podemos esquecer-nos de que desenvolvimento pleno inclui desenvolvimento sobrenatural.**

E os Bispos Nordestinos nos vimos na contingência de estimular a sindicalização rural, única maneira prática de os trabalhadores rurais poderem falar em direitos diante de Senhores, muitas vêzes, transplantados da Idade Média para o século XXI, que já começamos a viver.

Estaremos fora de nossa missão ou esquecidos do anúncio do mistério da autêntica Salvação, que estamos celebrando nestes dias pascais? De modo algum. Sabemos que, a nós Bispos, nos cabe, em assuntos temporais, a reflexão teológica que ilumine a ação dos leigos que têm, aí, missão específica e insubstituível. Sabemos que a nós cabe estimular os técnicos, cuja vocação e competência devemos respeitar. (E como não saudar aqui os *développeurs*, cuja tarefa, no que tem de nobreza e responsabilidade, é analisada pelo Mestre em desenvolvimento que é o Pe. Lebret ?!...)

Longe de nós o pensamento de parar no desenvolvimento econômico. Começamos por aí porque o Pai não nos entregou puros espíritos. E se somos obrigados a não deixar simplesmente aos leigos um trabalho que normalmente seria de presença cristã no temporal, é que sentimos, diante da cegueira, da frieza e prepotência de alguns Senhores, necessidade de prestar cobertura moral a um trabalho de elementar defesa de direitos humanos. E se até a Bispos da Santa Igreja, entregues à missão cristianíssima de defender pessoas humanas esmagadas, se tem a audácia de chamar comunistas, o que ocorreria a nossos Padres e, sobretudo, a nossos Leigos, se os abandonássemos à própria sorte ?!...

Mas, se começamos, quase sempre, pela necessidade prática de ajudar o desenvolvimento econômico, nossas convicções religiosas e nosso amor às criaturas nos levam a querer chegar muito além do econômico e até do simplesmente social. Nosso lema de desenvolvimento é a palavra de Cristo: "Venho para que tenham vida e vida em abundância". Só descansaremos quando o Nordeste passar do subdesenvolvimento, em que ainda se acha, à vida plena que só é atingida quando a Graça divina completa e transcendente os limites do homem e nos torna participantes da natureza de Deus.

E é apaixonante trabalhar no Nordeste 1965. Afirmar que êle ainda se encontra no subdesenvolvimento não é esquecer que, em 1964, quando o Brasil reverteu 3% no seu Produto Bruto Nacional, o Nordeste, por fôrça das soluções regionais em execução, cresceu 6%, o que prova a capacidade de reagir da região.

Afirmar que queremos levar o Nordeste ao desenvolvimento pleno, que supõe o coroamento do desenvolvimento sobrenatural, não é esquecer a bela arrancada religiosa de que é sintoma êste próprio Seminário.

III — Missão não se escolhe, se recebe

Já é hora de esclarecer e aprofundar a seqüência aparentemente triunfalista: missão do Recife, dentro do Nordeste; do Nordeste, dentro do Brasil; do Brasil, dentro da América Latina; da América Latina, dentro do Mundo.

Quando os latino-americanos comparamos nossos problemas com os dos países africanos e asiáticos que estão emergindo do colonialismo, temos a surprêsa de descobrir numerosos pontos de contato no tocante às dificuldades a enfrentar: estamos maduros para entender a distância entre independência política e independência econômica; estamos maduros para entender as diversas e, por vêzes, sutis modalidades de neocolonialismos.

Se a luta imediata pela vida colocou e provàvelmente colocará ainda em concorrência e embate os nossoss Continentes, dia virá em que acabaremos descobrindo razões profundas para transformar em realidade o Terceiro Mundo.

Se isto é verdade, não é menos exato que, espiritualmente, a América Latina está ligada aos Países de abundância, porque, realidade que faz tremer, é cristã ou de origem cristã a parte próspera do mundo, isto é, os 20% da humanidade que se beneficiam dos 80% da produção mundial.

Se a Providência permite que o nosso Continente pertença, ao mesmo tempo, ao Terceiro Mundo e aos Países de abundância — ao Terceiro Mundo, pelas dificuldades materias; aos Países prósperos, pelas origens cristãs — quem sabe, Deus nos reserva missão especial entre os dois Mundos em luta?

Sem esquecer, de modo algum, jovens e admiráveis comunidades cristãs da África e da Ásia, os latino-americanos carregamos a responsabilidade de ser, como conjunto, a porção cristã do Terceiro Mundo.

> **Por causa dos seus problemas, tem o Brasil de um lado afinidade com os países do Terceiro Mundo. Por causa de sua cultura e origem cristã, o Brasil tem de outro lado afinidade com os países de abundância.**
>
> **Esta coincidência traz para o Brasil uma missão a cumprir em relação aos países subdesenvolvidos e aos países em abundância.**
>
> **Missão semelhante cabe ao Nordeste em relação ao Brasil.**
>
> **Afinal, que significa passar de uma fase menos humana para uma fase mais humana?**

E é triste pensar que nossos irmãos da África e da Ásia guardam, quase sempre, a impressão de que o cristianismo é a religião dos brancos, isto é, dos opressores: daqueles que, ontem, claramente dominavam e, quase sempre, exploravam; daqueles que, até hoje, não se decidiram a ajudar a não ser em têrmos de migalhas (nunca mais de 1% sôbre o Produto Bruto Nacional respectivo); daqueles que — por ambição, por vaidade, por não crerem no amor ou na ilusão de melhor defenderem a liberdade e a dignidade humana — prosseguem na corrida armamentista que torna vão qualquer programa de ajuda para o desenvolvimento; daqueles que, através de preços vis, impostos aos produtos nativos, continuam a arrancar muito mais do que a ajuda que trazem...

Responsabilidade tremenda a dos cristãos da América Latina:

— em face dos nossos irmãos cristãos dos Países de abundância, cabe-nos a caridade de tentar ajudá-los a arrancar-se do egoísmo; do excesso de confôrto e instalação no efêmero; do materialismo prático; do perigo de escandalizar nossos irmãos não-cristãos dando-lhes noção errada sôbre Cristo e sua doutrina...

— em face de nós mesmos, cabe-nos lutar pelo desenvolvimento, mas de olhos abertos: para salvar do fascínio marxista, de tão grande fôrça especialmente para os trabalhadores e os universitários; para tentar aproveitar as lições que a ética do desenvolvimento procura, desesperadamente, lembrar aos Países de abundância... Cabe-nos experimentar uma dimensão nova do desenvolvimento — a dimensão cristã — em condições de

arrancar-nos da situação subumana da miséria sem cair no inumanismo do superconforto e superluxo. Temos que aprender e ensinar que plenitude do bem não é sinônimo de proliferação de bens.

O Brasil carrega, na própria carne, as contradições do Mundo : nosso País tem, dentro das próprias fronteiras, o Sul, desenvolvido, e todo o restante — o Norte, o Centro-Oeste e o Nordeste — em desenvolvimento.

No dia em que conseguirmos convencer o Brasil desenvolvido que nada mais inteligente lhe cabe fazer do que levar ao desenvolvimento o Brasil subdesenvolvido — porque, então e só então, poderá dispor do Mercado interno, vital para as suas produções — os brasileiros teremos experiência e fôrça moral para interferir no diálogo entre o Mundo desenvolvido e o Mundo em desenvolvimento.

Por que não haveremos, como Povo, de dar o exemplo de proclamar o direito ao desenvolvimento, com o correlato dever de enfrentar o subdesenvolvimento, menos em têrmos de ajuda e de favor do que em têrmos de justiça ?!

Por que não haveremos, como Povo, de dar o exemplo de viver o desenvolvimento como passagem de tôda a população nacional e cada uma das frações que a compõem, de uma fase menos humana para uma fase mais humana?...

Claro que não pararemos no vago. Fase menos humana é expressão que abrange tôdas as carências que afetam a humanidade : das carências materiais às carências morais e espirituais. Fase menos humana é expressão que se estende a qualquer tipo de estruturas opressivas : quer se trate de abusos do poder ou abusos da posse; de corrupção administrativa; de exploração por trabalhadores; de injustiça nas transações; do jôgo de especuladores...

Fase mais humana é sinônimo de obtenção do mínimo vital em alimento, saúde, habitação, vestimenta, educação, condições de trabalho, atendimento espiritual... Fase mais humana é, também e especialmente, a crença no Pai Celeste, a fé em Cristo, o exercício da caridade.

Por que não haveremos, como Povo, de dar o exemplo de enfrentar, firme e decididamente, o desenvolvimento econômico, completando-o com o social e abrindo perspectivas para a expansão divinizante que só a Graça divina poderá realizar ?...

IV — Papel do Seminário Regional do Nordeste

A esta altura, é fácil compreender e aceitar que o Seminário Regional do Nordeste se destine a formar padres para o desenvolvimento, entendido êste em seu sentido pleno.

Nesta Casa, serão estudados problemas ligados à filosofia e à teologia do desenvolvimento. Exemplos típicos :

— em que medida é possível aplicar aos povos ricos o que a Bíblia e os padres da Igreja dizem sôbre os indivíduos ricos ?
— pode-se falar em "direito ao desenvolvimento", no sentido próprio da expressão ?
— qual o alcance exato do direito de propriedade em Santo Tomás de Aquino, na Patrística, no Magistério ?
— que princípios éticos opor ao desenvolvimento ?
— como marcar a presença cristã na elaboração de uma civilização do desenvolvimento solidário ?

Nesta Casa, velhos temas teológicos e filosóficos serão reexaminados, ao lado de novos, em clima ecumênico e em clima de Vaticano II, e à luz da experiência do Terceiro Mundo. Exemplos típicos :

— revisão do princípio de subsidiariedade, de ressonâncias diversas, conforme a região a que se aplique;
— estudo das tentativas de um nôvo Socialismo;
— Clero e Laicato no Mundo em desenvolvimento e no Mundo desenvolvido;
— a automação e suas implicações humanas.

Enquanto o Seminário Regional do Nordeste estiver tentando ficar à altura da responsabilidade histórica que Deus lhe confia, o Povo de Deus, residente nesta região, buscará sensibilizar as fôrças vivas do Nordeste para que, em conjunto, ajudem esta porção do Terceiro Mundo a de fato arrancar-se do subdesenvolvimento. O Povo de Deus, residente nesta região, buscará promover o inadiável diálogo entre Brasil e Brasil, entre Brasil desenvolvido e Brasil em desenvolvimento. O Povo de Deus, residente nesta região, em articulações hoje mais simples do que no passado — de Seminários a Seminários, de Universidades a Universidades, de Institutos a Institutos, de Jornais, Rádios, Televisões — buscará ajudar o inadiável diálogo do Mundo com o Mundo, do Mundo desenvolvido com o Mundo em desenvolvimento.

Utopia ? Deus não nos obriga a êxitos. O sucesso, quase sempre, independe de nós. A nós nos cabe o testemunho, o esfôrço, a tentativa de diálogo.

Excelência Reverendíssima :

A Santa Sé, há anos, pensando nestes e em outros problemas ligados ao nosso Continente, criou a CAL, Pontifícia Comissão para a América Latina, da qual, desde a criação, Vossa Excelência é seguramente a alma, o coração.

Quem sabe, Excelência, o Santo Padre julgará, um dia, conveniente alargar a CAL, transformando-a em Pontifícia Comissão para o Terceiro Mundo, com a incumbência clara de favorecer o entrosamento fraterno entre a humanidade inteira ?!...

V — Três pensamentos finais

Três circunstâncias ainda precisam ser lembradas para que se tenha um quadro das realidades essenciais ligadas à inauguração de hoje :

— o fato de Deus ter permitido que o Seminário surja em pleno clima de Concílio Ecumênico Vaticano II;
— o fato de a Providência ter preferido que o Seminário se inaugure ainda por acabar;
— o fato de a inauguração ocorrer na Dominga do Bom Pastor.

Permitam rápidos comentários a respeito. Quanto ao surgimento do Seminário nos dias do Vaticano II, consintam em simples evocações que são para ação de graças ao Pai :

— graças por haver o Seminário Regional nascido sob o signo de João XXIII e Paulo VI, Dom Carlos Coelho, Dom Armando Lombardi, Dom Sebastião Baggio;
— graças pela colaboração generosa de uma Jerarquia irmã que exige nem mesmo ser citada;
— graças por quantos tornaram possível esta inauguração : Arquitetos e Engenheiros, Mestres e Contra-Mestres, fornecedores, Operários...
— graças, de modo particular, pela dedicação insuperável da CAL, tão bem representada, aqui, neste momento.

Quanto à inauguração, quando mais da metade da obra está para ser concluída :

— guardem este símbolo : Seminário inacabado; em funcionamento; mas ainda em construção. Guardem este *slogan* : o Seminário Regional crescerá com o Nordeste. Material e espiritualmente crescerão juntos, como irmãos. Assim, esperamos, nesta Casa de imponente aparência, manter fidelidade íntegra à Igreja servidora e pobre.

E quanto ao Bom Pastor, é figura que transcende a todos os séculos, mas em cada época se realiza conforme as exigências do tempo. Guardem esta imagem final : Sabem que ovelha o Cristo traz aos ombros ao cruzar os caminhos de hoje ? É questão de abrir os olhos e ver : o Bom Pastor, aos ombros, traz o Mundo subdesenvolvido.

RETIRO PARA RELIGIOSAS

Haverá retiro especialmente para religiosas, de 4 a 10 de julho, no Cenáculo, Rua Pereira da Silva, 135, Laranjeiras, Guanabara (*Tel.* : 25-6527).

As Religiosas São um Sinal Para o Mundo Por Serem Uma Imagem da Fidelidade e da Dedicação da Igreja na Sua Aliança Com o Divino Espôso

PAUL GERARD HINNEBUSCH, O.P.

Atualmente há sinais de que parte do povo católico perdeu um pouco de seu apréço pela vida religiosa. Do outro lado — como a vida religiosa é uma instituição evangélica — ela é objeto de estudos profundos sôbre o papel que deve exercer na Igreja no mundo de hoje. Pois a vida religiosa não é apenas um caminho mais seguro para alcançar uma felicidade maior no céu. Numa perspectiva mais profunda, a vida religiosa tem uma função muito importante na vida da Igreja. E isto não apenas porque congregações religiosas fornecem grande parte do pessoal apostólico — algo muito importante na América Latina — mas sobretudo porque a vida religiosa revela à humanidade alguns aspectos essenciais da vida da Igreja na sua peregrinação por êste mundo. É isto que nos explica Frei Paul Gerard Hinnebusch, O.P., no artigo que segue e que foi traduzido de Sister Formation Bulletin, *1965, n.º 2, pp. 7-12. Os subtítulos são da* REDAÇÃO

As religiosas devem tornar-se cônscias de seu papel na Igreja

Muito foi dito, pelos Papas João XXIII e Paulo VI e pelo Concílio Vaticano II, sôbre a urgente necessidade de a Igreja chegar a um conhecimento mais profundo de sua própria e verdadeira natureza. Foi um passo à frente quando, em 21 de novembro de 1964, Paulo VI promulgou a Constituição conciliar sôbre a Igreja. Como uma parte do profundo conhecimento que a Igreja tem de si mesma, cada membro precisa tornar-se mais completamente cônscio de sua verdadeira função no seio do povo de Deus. Portanto, também as religiosas precisam reconsiderar cuidadosamente sua vida a esta luz.

Dizer que as religiosas têm um papel a exercer na Igreja é dizer que elas têm um papel a exercer na história da salvação.

A Igreja é a continuação da história da salvação

História da salvação é a história de Deus intervindo na história humana para salvar a humanidade. A Bíblia é o apanhado escrito desta ação divina. A Igreja, especialmente na sua liturgia, é a sua continuação e acabamento. Esta salvação, começada com o chamado dos patriarcas no Antigo Testamento e completada no mistério pascal de Cristo continuamente, está sendo comunicada à humanidade na Igreja e através da Igreja. Neste sentido, a Igreja é a continuação da história da salvação; é a salvação que está sendo realizada no mundo de hoje. A Igreja é uma habitação de Cristo entre seu povo, salvando-o e comunicando-lhe sua vida divina.

A vida religiosa é imagem viva da Igreja na sua mais completa expressão

Que parte tomam as religiosas nesta continuação da história da salvação? Desde os primeiros dias, a Igreja tem olhado tradicionalmente sôbre suas virgens consagradas como imagens vivas dela mesma. Na liturgia sempre aplicou de modo especial às virgens tôdas as passagens bíblicas nas quais ela mesma é descrita como a virgem espôsa de Cristo. Paulo VI resumiu esta doutrina tradicional quando disse às religiosas: "Vós sois a Igreja na sua mais genuína, autêntica, completa e vibrante expressão".

As religiosas são um sinal da santidade da Igreja

A Constituição sôbre a Igreja é ainda mais específica, apontando a vida religiosa como uma admirável expressão de santidade da Igreja (§ 39). As religiosas devem ser o sinal vivo da santidade que a Igreja deve produzir nos seus membros. O estado religioso — disse o Concílio — "demonstra, ao mesmo tempo, a todos os homens a supereminente grandeza da fôrça de Cristo-Rei e o infinito poder do Espírito Santo que espera admirâvelmente na Igreja" (§ 44). Novamente, o Concílio diz: "a profissão dos conselhos evangélicos se apresenta como um sinal que pode e deve atrair eficazmente todos os membros da Igreja para o delicado cumprimento dos deveres impostos pela vocação cristã" (§ 44).

A vida religiosa revela o caráter transcendental do reino de Deus

De modo especial, as religiosas devem ser a imagem viva do produto final de tôda a história da salvação, o reino dos céus. Este é o papel

escatológico da vida religiosa. O Concílio diz "...o povo de Deus não possui aqui morada permanente, mas busca a futura, o estado religioso, pelo fato de deixar seus membros mais desimpedidos dos cuidados terrenos, ora manifesta já aqui neste mundo a todos os fiéis a presença dos bens celestes, ora dá testemunho da nova e eterna vida conquistada pela redenção de Cristo..." (§ 44).

A vida religiosa tem seu ponto central na liturgia

As religiosas, portanto, têm a responsabilidade de esforçar-se para ser os frutos mais ricos do poder santificador da Igreja. Tão sublime papel pode ser feito de um modo apenas: vivendo a mesma fonte de santidade, a liturgia da Igreja, onde os acontecimentos da história da salvação são comemorados e representados de tal maneira que o poder de Deus, que êles manifestam, possa produzir seu efeito em nós. Ou mais precisamente, na liturgia nós participamos no grande acontecimento da história da salvação, o que completa, dá sentido e resume todos os outros acontecimentos: principalmente o mistério pascal de Cristo, sua passagem dêste mundo para o Pai, pela sua morte sacrifical e ressurreição. Como fruto de nossa participação na liturgia, todos os aspectos da história da salvação se realizam em nós.

A vida religiosa, dissemos, deve ser a imagem viva desta realização; isto para ilustrar ao mundo inteiro os frutos maravilhosos de santidade que nos são comunicados na Igreja, especialmente na liturgia. Se, portanto, alguém deve viver a liturgia na sua perfeição, êste deve ser a religiosa.

A liturgia deve conduzir a religiosa à total identificação com Cristo sacrificado

A vida religiosa, bem compreendida, é a total participação na liturgia. Primeiro, é a completa resposta visível à palavra santificadora e poderosa da liturgia. Em segundo lugar, esta total resposta ao trabalho e à graça de Deus consiste na consagração especial de todo o ser da religiosa, corpo e alma, como holocausto em união com Cristo, a vítima do santo sacrifício. A participação no sacrifício é completa sòmente na medida em que nos tornamos um com Cristo sacrificado, e a vida religiosa é especialmente designada para realizar, tão eficazmente quanto possível, esta total identificação com Cristo o holocausto. Em terceiro lugar, assim como tôda a atividade da Igreja começa na liturgia como na sua fonte e leva de volta à liturgia, assim também o apostolado da religiosa é frutuoso na proporção da intensidade com que ela participa na liturgia, fazendo de sua vida inteira um sincero holocausto a Deus através da fidelidade de sua vida consagrada.

Bíblia e liturgia: as duas fontes de santificação para a religiosa

Assim podemos compreender por que a espiritualidade de tôda verdadeira religiosa tem de ser profundamente arraigada primeiro nas Sagradas Escrituras — a poderosa palavra de salvação e o resumo da história da salvação — e em segundo lugar na sagrada liturgia, pois a graça salvadora de Cristo, que a liturgia comunica pode realizar em nós a reapresentação da história da salvação. Na sua formação, a religiosa deve ser ensinada a usar as Escrituras de tal modo que nelas ache o modêlo de tôda a vida espiritual; ao tratar com elas, deve ser capaz de ver a história da salvação como o modêlo dos caminhos de Deus. Deve ser capaz de achar, na resposta do povo bíblico à ação de Deus, o modêlo de suas respostas à ação santificadora dêle.

Uma vez então que as religiosas são a Igreja na sua expressão mais completa e mais autêntica, todos os temas da Bíblia concernentes ao povo de Deus devem achar o eco na vida da religiosa.

Deus convoca seu povo para celebrar uma aliança eterna

Vamos considerar brevemente alguns dêsses temas: a palavra bíblica *Igreja*, tanto em hebreu como em grego, significa *assembléia*. A assembléia do povo de Deus é convocada pela palavra de Deus. Assim como Abraão, o pai de todos os crentes, foi chamado por Deus e respondeu em fé, assim o povo de Israel, em resposta à palavra que Deus lhe dirigiu através de Moisés, se reuniu no monte Sinai, e aí Deus fêz com êle sua aliança, constituindo-o seu povo escolhido, ratificando a aliança no sangue do sacrifício. Assim também, no Nôvo Testamento, a Igreja é convocada em assembléia santa, pela palavra do Evangelho, para o monte Calvário, onde a nova e eterna aliança é ratificada no sangue de Cristo.

O povo, convocado pela palavra de Deus, participa do sacrifício que ratifica a aliança

Com o povo de Deus, convocado pelo Evangelho, a Igreja encontra a mais forte expressão na liturgia, quando nos reunimos para ouvir a palavra de Deus e responder a ela pela fé e ainda para renovar nossa aliança com Deus no banquete eucarístico. Através da Eucaristia participamos do sacrifício no qual a aliança foi selada, com isso penhorando novamente nossa fidelidade à sua palavra. A Igreja de Deus, então, se reúne em resposta à palavra de Deus. Tal como a palavra todo-poderosa de Deus na criação formou o mundo do nada — "Faça-se a luz!" E a luz foi feita — assim a palavra do Evangelho e a nossa resposta fiel a ela fazem a Igreja o que esta é.

A palavra de Deus nutre a Igreja

A palavra do Evangelho não se limita a convocar a Igreja para que ela se constitua, mas também a nutre e leva à perfeição. A palavra de Deus é o seu pão de vida — "Não só de pão vive o homem, mas de tôda a palavra que procede da bôca de Deus". A Igreja é o povo que é abençoado ouvindo a palavra de Deus e observando-a, escutando-a atentamente, ponderando-a em seu coração como Maria fêz, guardando-a em sua vida diária, vivendo-a. E Cristo mesmo é esta palavra.

A religiosa é a imagem da Igreja que escuta a palavra de Deus e responde a ela como espôsa do Verbo

A virgem consagrada é a autêntica expressão da virgem Igreja na sua função de escutar e responder à palavra de Deus em fé e fidelidade. "A Igreja — diz Santo Agostinho — é uma virgem mercê da pureza de sua fé". "Eu te desposarei para mim em fé, desposar-te-ei para mim em fidelidade — diz o Senhor Deus pelo profeta Oséias à Nova Jerusalém, a Igreja. "Eu desposar-te-ei", isto é, a Igreja não sòmente escuta a palavra da fé, mas responde a ela, entregando-se à Palavra mesma num casamento espiritual, numa imortal fidelidade. Na pureza da fé, a Igreja é para sempre consagrada a Cristo, o Verbo.

A religiosa é imagem da Igreja na sua entrega a Cristo em fé e amor

Como imagens da Igreja, nos diz Pio XII, as virgens tornam tangível, por assim dizer, a santidade desta união da Igreja com Cristo seu espôso. A consagração da virgem a Cristo é a imagem fiel da fidelidade da Igreja a êle. "De quão grande honra são elas dignas — diz Santo Agostinho — ao guardarem até no corpo a virgindade que a Igreja guarda na fé". Sua virgindade corporal, sua renúncia ao casamento, é a expressão de sua total entrega a Cristo em fé e amor. A virgem, então, é a imagem viva da resposta da Igreja ao Evangelho; de uma maneira extraordinàriamente visível ela vive a consagração batismal em tôda a sua plenitude. Sobretudo a virgem consagrada exemplifica a Igreja contemplativa, isto é, a Igreja que escuta, a Igreja que ouve a palavra de Deus, medita sôbre ela e a ela responde, esposando-se com Cristo, o Verbo encarnado.

Meditar sôbre a palavra de Deus é essencial à Igreja

Esta função contemplativa do povo de Deus foi acentuada de nôvo na *Constituição sôbre a Sagrada Liturgia*. "Embora desejosa de agir —

diz o Concílio — a Igreja sempre está atenta para a contemplação". Contemplação da palavra de Deus é o alimento indispensável da Igreja; sem êste alimento, seu apostolado perderia sua eficiência. "Exatamente como os apóstolos primeiro ouviam Cristo antes de serem enviados, assim a Igreja deve ouvir Cristo em contemplação, antes de poder executar seu apostolado.

É especialmente na liturgia que a Igreja recebe seu alimento contemplativo. Liturgia é necessàriamente uma função contemplativa, porque a liturgia é constituida de palavras e sinais que expressam o mistério inefável de Cristo.

Estas palavras e sinais, entretanto, são ineficazes na medida em que deixamos de penetrar no seu significado. Nêles podemos penetrar sòmente pela contemplação, em fé, do mistério que expressam. Contemplação é o mais básico elemento da virgindade cristã, o elemento mais claramente expresso nas Escrituras: "Aquela que não é casada cuida das coisas do Senhor, para ser santa no corpo e no espírito"! Como Maria, a virgem é a imagem da Igreja sempre meditando sôbre a palavra bíblica e litúrgica, de modo que em perfeita fidelidade ela pode guardar Jesus, o Verbo encarnado, para sempre, em seu coração.

A vocação religiosa é um chamado que provém do amor divino

Nosso abençoado Senhor estava ainda aludindo a um velho refrão quando disse a seus discípulos: "Não fôstes vós que me escolhestes, mas eu vos escolhi a vós" (*Jo* 15, 16). Através dos séculos da história da salvação, Deus tinha freqüentemente dito a mesma coisa ao povo escolhido de Israel, ainda que em outras palavras. Divina escolha ou eleição é um dos temas mais insistentes na Bíblia. Por exemplo, a Israel Deus tinha insistido de início: "Porque és um povo consagrado a Javé, teu Deus, o qual te escolheu para sêres o seu povo, sua propriedade exclusiva, entre tôdas as outras nações da terra. Não é porque sois mais numerosos que todos os outros povos que Javé se uniu a vós e vos escolheu; ao contrário, sois o menor de todos. Mas Javé ama-vos e quer guardar o juramento que fêz a vossos pais" (*Dt* 7, 6-8).

Tôda a iniciativa na história da salvação vem assim do divino amor, a admirável bondade de Deus, que escolhe e chama quem êle quer para instrumento de seu trabalho de salvação. São João faz eco disso ainda quando diz: "Nisto consiste o amor, não em têrmos nós amado a Deus, mas em ter-nos êle amado primeiro e enviado o seu Filho para expiar os nossos pecados" (*I Jo* 4, 10).

É um chamado para cumprir um papel na história da salvação

A salvação é sempre obra de Deus: "Sou eu, sou eu Javé, não há outro salvador a não ser eu" (*Is* 43, 11). O próprio nome de "Jesus"

significa "Javé é salvador". Cada chamado especial de Deus na história da salvação é um chamado para ser escolhido instrumento de Deus, na prossecução dos fins do seu amor salvador. A história da salvação é a revelação da admirável bondade de Deus e da felicidade às promessas que livremente fêz nesse amor. A Moisés, êle se descreve a Si mesmo como "Javé, Deus compassivo e misericordioso, lento para cólera, rico em bondade e em fidelidade" (*Ex* 34, 6).

A vocação, assim, de cumprir um papel na história da salvação vem sempre e só da iniciativa do amor divino. Dêste modo também, o chamado de uma religiosa para desempenhar um papel na Igreja, e portanto na história da salvação, vem sòmente do amor de Deus e requer uma resposta de amor.

A religiosa é para o mundo um sinal da amizade entre Cristo e sua espôsa, a Igreja

Todo chamado e promessa que vem do amor e salvação divina é um chamado à amizade divina, uma promessa de amizade com Deus. Novamente foi um refrão antigo quando Jesus disse : "Já não vos chamo servos... mas chamei-vos amigos". Porque Deus sempre falou a Abraão, o modêlo de todos os que respondem ao seu chamado, como "Abraão, meu amigo" (*Is* 41, 8). E aos filhos de Israel, o Senhor repetidas vêzes insistiu que se êles fôssem fiéis à sua eleição e chamado, êle haveria de morar com êles e êles com êle (*Lev* 26, 11-12). Amigos são êles que moram juntos no amor. E que melhor símbolo desta intimidade, esta amizade, poderia Deus ter achado do que a união conjugal ? A amizade do espôso e espôsa é a mais íntima e total de tôdas as relações humanas, e assim Deus a escolheu como a imagem da sua divina relação com o seu povo.

A vocação religiosa é um chamado especial de Deus, para morar na intimidade desta amizade divina do modo mais espetacular possível. Como a noiva deixa a família e a casa paterna e mesmo seus pais para ficar com o noivo, assim Deus disse ao povo de Israel, sua noiva : "Ouve, filha, vê e presta atenção, esquece o teu povo e a casa de teu pai. De tua beleza se encantará o rei" (*Sl* 44, 11-12). Na liturgia, estas palavras têm sido sempre aplicadas de modo especial às virgens consagradas, que literalmente deixam tôdas as coisas para serem espôsa de Cristo. Sua partida visível do mundo por amor de Cristo é um notável sinal para todo o povo de Deus que elas também são chamadas à intimidade divina, e devem deixar de lado tudo que está entre elas e o Senhor.

A aliança entre Deus e seu povo cria laços de família

A intimidade entre Deus e seu povo escolhido foi estabelecida quando êste respondeu em fé ao chamado de sua palavra, e Deus fêz sua alian-

ça com êle. Quando no antigo Oriente Médio duas tribos faziam uma aliança, passavam daí por diante a se considerar mùtuamente como parentes consangüíneos. As partes que faziam a aliança tornavam-se como uma família, e desta maneira esperava-se que ambas exercessem entre si tôdas as virtudes, próprias a uma família, especialmente a bondade, a fidelidade ou a lealdade familiar. Assim também Deus, convidando os israelitas para relações de aliança com êle mesmo, constituiu-os sua própria família, empenhou sua eterna bondade e fidelidade para com êles, adotou-os como filhos e filhas. A divina filiação do povo de Deus acha sua suprema perfeição na nova e eterna aliança, ratificada no sangue de Jesus, o filho único de Deus, que morreu e ressuscitou para que fôssemos verdadeiramente filhos de Deus.

A profissão religiosa é um sinal que convida os fiéis a participarem mais na aliança eterna

A profissão religiosa acha seu significado mais verdadeiro à luz desta nova e eterna aliança. Neste sentido o Concílio Vaticano II fala da consagração especial da religiosa. Depois de notar que pelo batismo cada cristão está consagrado a Deus, o Concílio continua dizendo que, pela profissão religiosa, está-se mais intimamente consagrado ao serviço divino. "Esta consagração será tanto mais perfeita, quanto melhor Cristo, unido à sua espôsa, a Igreja, por vínculo indissolúvel, fôr representado através de vínculos mais sólidos e estáveis" (§ 44).

Em outras palavras, o íntimo e indissolúvel vínculo da profissão religiosa é uma admirável expressão do laço indissóluvel entre Cristo e sua Igreja, e assim é sinal visível inspirando todos os fiéis a se esforçarem sempre por fortalecer nêles sua participação neste vínculo de uma aliança eterna.

Sobretudo na participação eucarística, tanto os fiéis como as religiosas renovam e aprofundam seus laços de aliança com Cristo, a aliança selada no Precioso Sangue do qual participamos no Banquete Eucarístico. Aqui, novamente, vemos como a vida religiosa é a mais completa participação visível na sagrada liturgia, porque a profissão religiosa é a imagem viva daquele laço indissolúvel de Cristo e sua Igreja, que é renovado e fortalecido em cada celebração da liturgia.

Deus promete sua assistência aos que chama para tarefas de grande responsabilidade

A eleição e o chamado de Deus, nascendo da iniciativa de seu amor, sempre impõem, sôbre o que foi chamado à responsabilidade, uma obri-

gação de aliança. Fazendo uma aliança de amor com aquêles que escolheu, o Senhor compromete-se à fidelidade às promessas de seu amor, enquanto os que fazem a aliança se comprometem a ficar fiéis à sua palavra e à sua vontade, vontade esta que é êles se tornarem instrumento do amor de Deus que se propôs salvar a humanidade. Esta responsabilidade é sempre terrível, por causa de sua grandeza; e por isso o chamado divino sempre traz consigo palavras reconfortadoras: "nada temas, porque estou contigo" (*Is* 41, 10).

Deus a Jeremias e Moisés: "Estarei convosco"

Assim, quando Jeremias com mêdo procurou escusar-se do chamado de Deus, dizendo "Sou muito jovem", o Senhor replicou: "Não os deverás temer (aquêles a quem Deus queria enviá-lo)... porque estarei contigo para livrar-te" (*Jer* 1, 6-8). E quando Moisés voltou de sua árdua missão junto do Faraó, protestando a Deus "não tenho o dom da palavra... tenho a bôca e a língua pesadas", o Senhor lhe disse: "estarei contigo" (*Ex* 4, 10; 3, 12). O verdadeiro nome de Deus, "Javé", que êle revelara a Moisés naquela ocasião, significa: "eu que estou aí", isto é, eu que estou convosco para vos ajudar.

O chamado de Deus é para a religiosa ao mesmo tempo uma garantia

Qualquer religiosa, portanto, que se sente com mêdo face às pesadas responsabilidades que assumiu fazendo sua aliança com Deus na profissão, ou que está tentada a abandoná-las quando parecem mais pesadas do que pode carregar, deve lembrar-se de que o nôvo nome que tomou como religiosa é um símbolo tanto do nôvo papel a que se consagrou como da graça consagrante de sua vocação, que, através de sua cooperação fiel, a enriquece de modo progressivo e sempre mais abundantemente com o poder e as qualidades de que ela precisa no cumprimento dêste papel. Deve meditar, repetidas vêzes, sôbre o velho refrão que corre através da história da salvação: "nada temas, porque estou contigo... tu és meu servo, eu te escolhi, em lugar de rejeitar-te... eu te chamo pelo nome, és meu" (*Is* 41, 10 e 9; 43, 1).

Deus é fiel a suas promessas

"Os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis — diz São Paulo (*Rom* 11, 29). Deus é eternamente fiel à sua promessa. "Rico em bon-

dade e fidelidade", descrição que Êle dá de si mesmo (*Ex* 34, 6). Mas, "Sião dizia : O Senhor abandonou-me, o Senhor esqueceu-me. Pode uma mulher esquecer-se daquele que amamenta ? Não ter carinho pelo fruto de suas entranhas ? E mesmo que ela o esquecesse, eu não te esquecerei nunca. Eis que estás gravada na palma de minhas mãos" (*Is* 49, 14-16).

"Mesmo que as montanhas oscilassem e as colinas se abalassem, jamais meu amor te abandonará e meu pacto de paz vacilará, diz o Senhor que se compadeceu de ti" (*Is* 54, 10).

"Eu vos chamei pelo nome : sois meus". Do mesmo modo que a palavra eficaz de Deus chamou do nada o Universo à existência, do mesmo modo que a palavra do Evangelho é uma fôrça divina que leva o povo de Deus à existência quando êle em amor responde ao seu chamado, assim a vocação à vida religiosa traz consigo uma graça consagrante e eficaz que confere, àquele que foi chamado, o dom da fidelidade.

Cristo nos comunica sua fidelidade

A fidelidade do chamado está sòlidamente enraizada na fidelidade do que chamou, porque a graça dêste não abandonará seus escolhidos, enquanto continuarem respondendo em fidelidade. A fidelidade dêstes mesmos é uma participação na própria fidelidade dêle. Isto é claramente expresso na nova tradução do Evangelho de São João usada nos missais inglêses oficiais : "O Verbo se fêz carne e habitou entre nós, e vimos sua glória, a glória do Filho Único, vindo do Pai, rico em bondade e fidelidade. E de sua riqueza temos todos parte. A Lei foi dada por Moisés. Esta bondade e fidelidade vieram através de Jesus Cristo". São João nos está dizendo, em outras palavras, que os maravilhosos atributos de bondade e fidelidade do próprio Deus têm sido comunicados a nós por Jesus Cristo, de tal modo que agora nós podemos ser fiéis à aliança com Deus, como êle é sempre fiel para conosco.

Cristo "mantém igualmente o universo pelo poder de sua palavra" — diz São Paulo (*Heb 7*, 3) — e "tôdas as coisas nêle subsistem" (*Col* 1, 17). A fidelidade de sua Igreja, a fidelidade de cada cristão, a fidelidade da religiosa à sua profissão é sempre mantida pela sua palavra. É o fruto da continuação da palavra de seu chamado. É o fruto da perseverança em escutar a palavra cotidiana de sua graça, meditando sôbre ela em seu coração e respondendo a ela em amor.

Aquela que sempre ouve a palavra de seu contínuo chamado não tem mêdo, porque a palavra de seu poder está sempre lhe dizendo : "Não temais, estou convosco. Achaste graça diante de Deus". Isto é : "Deus foi gracioso para convosco, seu amor generoso vos escolheu e vos chamou e está sempre fielmente concedendo-vos sua graça para serdes fiel aos convites de seu amor".

"Ela que achou graça diante de Deus — diz São Pedro Crisólogo — não sabe como temer".

Como uma espôsa, Israel teve que abandonar tudo para seguir Javé

De nôvo Jesus está repetindo uma velha frase quando chamou seus discípulos com estas palavras: "Vem, segue-me". No Antigo Testamento, Israel é descrita como a espôsa de Javé, ouvindo a voz do espôso, deixando tudo para segui-lo. "Lembro-me de tua afeição quando eras jovem — diz o Senhor a Israel, por Jeremias — de teu amor de noivado, no tempo em que me seguias ao deserto, à terra sem sementeiras" (*Jer* 2, 2). Em resposta ao chamado da palavra divina, o povo de Deus atravessou o Mar Vermelho, do Egito para o deserto do Sinai, e aí fêz aliança matrimonial com Deus, comprometendo-se, como uma espôsa, a segui-lo em qualquer parte onde êle fôsse.

Nesta aliança, o Senhor se comprometeu a cumprir sua promessa a Israel, enquanto esta se obrigou a guardar sua lei, a "Tora". Tal foi sua responsabilidade na aliança. A palavra "Tora", habitualmente traduzida por "lei" significa na realidade "instruções". Mas se olharmos mais profundamente para sua etimologia, descobrimos que ela vem de um verbo significando "mostrar o caminho". A Tora é o caminho de Deus. Andando por êsse caminho, Israel está seguindo seu divino espôso onde êle vai. Era o caminho do amor da espôsa. "Felizes aquêles cuja vida é pura e seguem a lei de Javé. Felizes os que guardam seus preceitos e o procuram de todo o coração" (*Sl* 118, 1).

Mas o caminho do amor para o qual Javé chamou a espôsa era o caminho do sacrifício, caminho de separação. A palavra do Senhor chamando Abraão tinha dito: "Deixa tua terra, tua família e a casa de teu pai, e vai para a terra que eu te mostrar" (*Gn* 12, 1). Estas suas palavras claramente ecoaram nas palavras a Israel, a espôsa do rei messiânico: "Ouve, ó filha, ... esquece o teu povo e a casa de teu pai. Então o rei desejará tua beleza". Porque Israel é herdeiro do chamado do pai Abraão e precisa andar no mesmo caminho de sacrifício e de separação.

A vocação da espôsa à separação de tudo o mais é uma vocação de consagração ao divino espôso. Porque, quando em resposta à sua palavra, ela deixa tudo e vai ao deserto e faz sua aliança com êle, torna-se consagrada ao Senhor. "Lembro-me de tua afeição quando eras jovem, de teu amor de noivado, no tempo em que me seguias ao deserto, à terra sem sementeiras. Era, então, Israel propriedade sagrada do Senhor" (*Jer* 2, 2-3).

Para ser destinada ao Senhor e consagrada a êle, a pessoa tem de ficar separada, desligada de tudo o mais e dedicada ao Senhor, em sua posse exclusiva: "eu te chamo pelo nome, és meu... Porque és precioso a meus olhos, porque eu te aprecio e te amo" (*Is* 43, 1 e 4).

A caminhada de Israel pelo deserto foi imagem de uma realidade posterior, a vida da Igreja

Uma vez que tôda história da salvação encontra sua realização e seu acabamento em Cristo passando dêste mundo ao Pai, pelo caminho de seu sacrifício, não temos que nos surpreender quando diz que êle mesmo é o caminho que a espôsa deve seguir : "Eu sou o caminho, a verdade e a vida... vem, segue-me".

A vírgem Igreja segue o Cordeiro onde quer que êle vai. Êle é o Cordeiro que foi morto em sacrifício, e ela deve ser um sacrifício vivo com êle. São Paulo indica isto descrevendo a Igreja como uma oferta litúrgica, usando as mesmas palavras com que Moisés tinha descrito o cordeiro pascal e com que São Pedro descreve Cristo: "tendes sido resgatados — diz São Pedro — ...pelo precioso sangue de Cristo, o Cordeiro Imaculado e sem defeito algum" (*I Pe* 1, 18-19). Cristo entregou-se a si mesmo, diz São Paulo, para que pudesse representar a Igreja como êle mesmo, em tôda sua glória, sem mancha, imaculado. Seguindo a Cristo no caminho do sacrifício e da separação, a Igreja foi isolada do resto como consagrada, holocausto a Deus, santificada no sacrifício de Jesus.

A religiosa é sinal da Igreja que abandona tudo para seguir seu Espôso divino

Tôda a Igreja segue a Cristo neste caminho, porque somos "peregrinos e estrangeiros na terra", em viagem para a terra prometida do céu. Se a Igreja tôda é chamada para o deserto de separação, religiosas, como imagens vivas da Igreja e sinais do mundo por vir, devem viver esta vocação do modo mais patente possível. Pois, onde o deserto espiritual é mais visível do que na vida religiosa ? Seguindo, então, a Cristo como a espôsa no deserto, a religiosa tem sua lei, seu caminho ao qual ela se compromete na aliança de sua profissão, o caminho dos três conselhos de pobreza, castidade e obediência, o caminho que Cristo mesmo trilhou. Falando da vida religiosa, o Concílio Vaticano II diz : "Cristo propôs a seus discípulos esta forma de vida que êle como Filho de Deus aceitou, entrando neste mundo para fazer a vontade de seu Pai. Êste mesmo estado de vida é claramente exemplificado e perpètuamente feito presente na Igreja", no estado religioso. Em outras palavras, a vida religiosa é uma espécie de presença viva da própria vida de pobreza, castidade e obediência de Cristo. Êle não tinha lugar para repousar a cabeça, viveu sempre vírgem e foi obediente até a morte de cruz, para mostrar claramente que seu reino não é dêste mundo, e que pode ser alcançado sòmente pelo caminho do deserto, do desprendimento próprio e da separação, o caminho da cruz. O estado religioso — continua o Concílio — "patenteia de modo

peculiar a transcendência do Reino de Deus e seus altos destinos sôbre tudo o que é terreno" (§ 44).

Êste caminho dos três votos religiosos é pois a mais visível manifestação do deserto espiritual no qual todo o povo de Deus deve seguir a Cristo, cada um por seu modo e em grau próprio. Com efeito, diz novamente o Concílio: "E os religiosos testemunham por seu estado preclaro e exímio não ser possível transfigurar o mundo e oferecê-lo a Deus sem o espírito das bem-aventuranças" (§ 31).

A vida religiosa, assim, de um modo especialmente vivida, é a espôsa seguindo o caminho de Deus. O caminho é Cristo, e o caminho é através do deserto; é o caminho do sacrifício, de separação, de consagração. Separada de tudo pelos três votos, a religiosa é colocada à parte para Deus, consagrada ao Senhor, como um sacrifício vivo em sua honra, uma "totalmente queimada oferta em caridade", à semelhança do holocausto da Cruz.

Sua lei ou obrigação da aliança é o caminho dos três conselhos, pelos quais, em ardente amor, ela apresenta a pobreza de Cristo, sua inocência imaculada, sua obediência humilde. Cristo é o caminho, e o total sacrifício de si, completado na fidelidade aos três conselhos, vivido de acôrdo com a regra específica e constituições de cada um, é a perfeita participação no seu sacrifício, de modo que a vida religiosa é realmente uma liturgia viva, o oferecimento de um holocausto em união com Cristo crucificado. Reapresentando Cristo vítima em vivida visibilidade, a vida religiosa é a total participação na liturgia, aquela liturgia na qual o mistério pascal de Cristo, o supremo acontecimento na história da salvação, é representado e realizado na vida de seus participantes.

Papa Paulo VI exorta:

ABRIR A ESCOLA CATÓLICA TAMBÉM A CRIANÇAS POBRES

No dia 30 de dezembro último, o Papa Paulo VI dirigiu, entre outras, as seguintes palavras aos participantes da 18.ª assembléia geral da Federação Italiana de Institutos que dependem da autoridade eclesiástica:

Perseverai no vosso esfôrço por tornar vossas escolas acessíveis também aos filhos de famílias menos favorecidas, famílias "do povo"...

Sem dúvida, as dificuldades financeiras são o obstáculo que paralisa o desenvolvimento, a livre competição e a abertura democrática da escola católica. Mas a caridade e o espírito de sacrifício que a caracterizam, devem tornar possível igualmente êste milagre, pois está de acôrdo com as tradições, as características e as finalidades de vossos institutos.

CRB Informa

Natal, RN — No Centro Regional de Treinamento do Nordeste, em Ponta Negra, a oito quilômetros de Natal, realizaram-se, recentemente, dois cursos de particular importância :

1) De 20 a 30 de abril foi o CURSO DE ATUALIZAÇÃO PASTORAL PARA BISPOS, no qual participaram 39 arcebispos e bispos, principalmente do Nordeste, dado por uma equipe de sacerdotes do clero secular e religioso, uma religiosa e dois leigos. Tratou-se de Pastoral Episcopal, no que respeita a evangelização, culto e formação da comunidade eclesial e ainda sôbre os sacerdotes, religiosos e leigos. Dentro de cada assunto foi focalizado o aspecto teológico, psicológico e sociológico. A parte da Pastoral Episcopal no tocante aos religiosos estava a cargo dos Padres Afonso Gregory, Frei Walfredo Tepe, O.F.M., José Marins, do Secretário-Geral da CRB e da Irmã Irany, M.J.Cr.

O curso foi honrado com uma mensagem especial do Santo Padre e ainda com a visita do Exmo. Sr. Dom Antônio Samoré, Secretário da Sagrada Congregação dos Negócios Extraordinários e Vice-Presidente da CAL, que ali se deslocou em companhia do Exmo. Sr. Núncio Apostólico.

Grupos de bispos fizeram visitas de estudo aos principais centros de experiência de renovação no apostolado das religiosas no interior da arquidiocese de Natal : Taipu (Filhas do Imaculado Coração de Maria), Nísia Floresta (Missionárias de Jesus Crucificado) e São Paulo do Potengi (Irmãs da Divina Providência).

2) De 2 a 10 de maio realizou-se o ENCONTRO DAS MADRES GERAIS E PROVINCIAIS DO NORDESTE, com a participação de superioras maiores de 25 congregações.

À luz das constituições conciliares sôbre a Liturgia e a Igreja, foram estudados problemas teológicos como : atualização da vida religiosa e das atividades apostólicas e psicologia religiosa. Ministraram o curso os Padres Walfredo Tepe, O.F.M., José Marins, do Movimento por um Mundo Melhor, Tiago G. Cloin, C.SS.R., e Irmã Irany, das Missionárias de Jesus Crucificado.

UM PEDIDO

As Monjas Franciscanas da Ordem da Conceição da B.V.M., Mosteiro de São José, São João del'Rei, Minas Gerais, pedem, através de sua Abadessa, Soror Maria do Calvário, auxílios para a construção do seu mosteiro, sede da Adoração Perpétua.

A Educação Falha se Não Souber Inculcar o Sentido Social

LAURA JACOBINA LACOMBE

O tempo atual obriga todos os colégios católicos a uma reflexão e a um exame, ou eventualmente a uma revisão, dos métodos e dos resultados. Este artigo, transmitindo as observações do relatório de um congresso da União das Religiosas Docentes, da França, apresenta um dos aspectos da educação, a social.

Os sublítulos são nossos.

A REDAÇÃO

Evolução social impõe novas tarefas para a educação

Não é possível negar que o mundo em que vivemos atualmente é bem diferente do da minha infância e, mesmo, do daqueles que são hoje jovens adultos.

O progresso da técnica modificou radicalmente o modo de viver; logo, os preceitos da moral devem ser acrescidos de outros deveres que se relacionam com o ambiente em que vivemos. Temos mais deveres, que chamaremos *sociais*, aos quais correspondem outros tantos direitos.

Com o rádio, a televisão e o avião, as fronteiras já não têm a mesma significação: as distâncias reduziram-se, a influência dos costumes estrangeiros se acentua, às vêzes para o bem, mas também, muitas vêzes, para o mal.

A educação que estamos dando a nossas alunas não poderá ignorar êsses novos deveres. Não podemos, como a avestruz, enterrar a cabeça, como se ignorássemos os novos problemas.

Diante da emancipação da mulher, urge formar nas alunas uma consciência social

Com o voto feminino, a responsabilidade da mulher tomou nôvo vulto. Ela não é mais aquela que ficava atrás da cortina procurando influenciar o marido ou o filho. Ela entra em cena, não só na hora da eleição, porém, já exerce cargo público de responsabilidade.

Como dar-lhe o preparo cívico necessário? Segundo Pio XII, essa educação cívica é, na verdade, política. Já Pio XI dissera que "a caridade política é a forma mais alta da caridade".

Temos, assim, que encarar de frente o problema de despertar, em nossas alunas, uma "consciência social de alta moralidade", pois trata-se de defender a criatura humana, no seu aspecto integral.

Não pensamos, como Rousseau, que a sociedade perverte o homem, porém, não caímos no excesso oposto, atribuindo ao meio social o poder miraculoso de educar.

Em nosso País, estamos assistindo a uma alteração : a inversão de valôres está causando transformações enormes na nossa sociedade que não tem tradições milenares como os países do Velho Mundo.

Não devemos revoltar-nos. Porém é preciso tomar consciência da situação em que nos achamos e examinar-nos a fim de verificar se estamos formando nossas alunas devidamente.

Citamos, ainda uma vez, Pio XII : "Trata-se, para quem pesa a História com o espírito de Cristo, não de voltar ao passado; êle tem o direito de adiantar-se para o futuro e passar adiante".

Como cristãos, temos que não esquecer a doutrina consoladora do Corpo Místico, que é uma "riqueza necessária à vida social".

Formação integral não se faz sem o testemunho pessoal

Jesus disse : "Não peço que os tires do mundo, mas sim que os preserves do mal (*Jo* 17, 15). Êste pedido nos atinge : temos que ficar no mundo, como o "sal da terra", para levar para o bem aquelas almas que nos forem confiadas. E a formação que lhes dermos deverá ser integral : devemos prepará-las para o lar, para a profissão e para a vida cívica.

Na parábola do Samaritano, Cristo mostra a importância do socorro ao próximo : não podemos, pois, deixar de atender aos que precisam de nós; não é a matéria, apenas, que irá formar nossas alunas, mas o modo de ministrá-la, o nosso modo de agir e, sobretudo, o nosso modo de *ser*. O que nós *somos* irá marcar nossas alunas; tudo quanto dissermos irá calar-lhes no espírito.

Fomentar o sentido de justiça e ensinar a fazer bom uso do dinheiro

O profeta Amós (5, 21-24) disse :

"Aborreço vossas festas; elas me desgostam,
e não sinto nenhum gôsto em vossos cultos;
quando me ofereceis holocaustos e ofertas,
não encontro nelas prazer algum,
e não faço nenhum caso
de vossos sacrifícios e animais cevados.
Longe de mim o ruído dos vossos cânticos,
não quero mais ouvir a música de vossas harpas;
Mas, antes, que jorre a eqüidade como uma fonte
e a justiça como torrente que não seca"..

A nossa responsabilidade está, sobretudo, em desenvolver, em nossas alunas, o sentido de justiça, para que tomem consciência dêsse dever que lhes cabe, que tenham essa preocupação.

É preciso que tenham a noção de que a fortuna que têm ou a que adquirirem *"é delas*, porém, não necessàriamente *para elas"*. "A propriedade não confere o direito absoluto de gozá-la automàticamente para seu uso pessoal : dela se tem a gerência que levará em conta as suas próprias necessidades, mas, também, as da comunidade e o dever de atendê-las".

Que boa iniciação seria tentar fazer refletir, nossas alunas, sôbre o emprêgo que fazem de sua mesada, muitas vêzes bem farta, e ensinar-lhes a gastá-la !

Educar para o trabalho em espírito de solidariedade humana

É preciso que nossas alunas se sintam úteis, que tenham encargos, isso desde os primeiros anos : que a isso se habituem, não só na escola, mas também no lar. Devemos ensinar-lhes a não sobrecarregar as empregadas e respeitar-lhes as horas de lazer. Que se preparem para os deveres de espôsas, sabendo dedicar-se e contribuir para o bem-estar do lar. Nada disso se fará com êxito, se não cultivarmos, no coração de nossas alunas, o verdadeiro sentido do amor, que é o princípio, a alma da sociedade.

Na sociedade atual, cada vez mais se faz sentir interdependência, e a humanidade está hoje consciente disso, e nossa missão é de despertar e educar o bom sentido da solidariedade.

Ensinar a resistir à estandardização

Ao mesmo tempo que incentivarmos essa noção de comunidade, cumpre-nos cultivar-lhes a personalidade.

Estamos em uma época em que há uma espécie de estandardização das pessoas pelos processos de informação e propaganda, como o rádio e a televisão, que têm ainda mais fôrça que a imprensa : vive-se o presente.

Precisamos lutar a fim de que cada uma de nossas alunas saiba reagir contra essa estandardização, afirmando-se espiritualmente.

Educar para o amor ao próximo em espírito comunitário

E, pela noção da doutrina do Corpo Mistico, que elas saibam ter a consciência do seu verdadeiro papel, dos seus direitos e dos seus deveres. Essa unidade com os demais repousa sôbre um princípio que está acima do todo. E essa comunhão dos homens está revelada no Evangelho, participa da vida de Cristo, na Trindade Santíssima.

E é baseada nessa doutrina que têm razão de ser as nossas relações com o próximo, inspiradas no verdadeiro amor, sem o que um serviço prestado não terá valor, podendo amesquinhar aquêle que o recebe.

Quantas vêzes poderemos fazer o bem proporcionando, aos que talvez se julguem inúteis, a oportunidade de nos darem alguma coisa, sentindo, assim, uma recuperação de si mesmos!

Êsse intercâmbio de favores ou serviços é que estabelece um bom clima em uma comunidade perfeita; por isso, há necessidade do desenvolvimento da vida pessoal de cada um. Assim, vemos como a comunidade depende das pessoas, e estas, por sua vez, aperfeiçoam-se pela influência que a comunidade exerce sôbre elas.

A mulher tem papel importante na melhoria do ambiente social

Por aí, podemos compreender como de um lado o cristão se beneficia do clima de um ambiente cristão e como do outro o seu aperfeiçoamento pessoal concorre para a elevação e fortalecimento da comunidade cristã. Isto sentem os jovens casais que estão procurando reunir-se em equipes, percebendo a responsabilidade que lhes cabe na melhoria do ambiente social, para torná-lo mais cristão. É importante impregnar o cotidiano da existência familial, social e internacional, do espírito verdadeiramente cristão. Práticas outrora usadas esvaziaram-se do seu verdadeiro sentido, e assim foram se perdendo muitas boas tradições. Cabe, sobretudo à mulher, a preservação dêsses usos e costumes para que o ambiente cristão não se paganize.

Devemos abrir os olhos de nossas alunas para o fato de que vão construir o mundo em que vão viver, para que nêle entrem com confiança e como verdadeiras cristãs, e defendam os valôres cristãos.

Cultivar justiça social em relação aos operários e empregadas

Elas não podem ignorar alguns problemas das classes operárias e, também, das empregadas de suas casas. É necessário fazer com que meditem sôbre os sofrimentos daquelas que vivem sob o mesmo teto, sôbre os seus direitos a um salário justo, ao gôzo de férias, ao repouso semanal. São problemas que não são, apenas, cristãos, porém, humanos, que devem ser encarados, não com sentimentalismo, mas com espírito de justiça.

Nossas alunas devem ser alertadas a respeito de sua responsabilidade em relação ao dinheiro, quanto à justa paga dos serviços prestados : não confundir justiça com caridade.

Despertar nelas o desejo de tornar-se úteis na sociedade

Façamos compreender, a nossas alunas, o poder que a instrução lhes poderá fornecer a fim de intensificar a influência que exercerão na sociedade. Demos-lhes exemplos de mulheres que assim se destacam.

Despertemos o desejo de serem mulheres que se imponham ao respeito e à admiração em vez de se tornarem apenas *bibelots* ou objeto de luxo, que não partilham da vida dos maridos. Um lar do século XX não pode ser semelhante aos dos séculos passados, em que a mulher era considerada como um ser inferior, ignorante, pouco mais que uma escrava.

Hoje, é natural que a mulher concorra com o seu salário para a manutenção do lar, que a môça, que prolonga os estudos, tenha, também, o seu ganha-pão. Que isso se faça, não para se isentar da tutela paterna, mas como uma colaboração, em uma época difícil.

Nossas meninas precisam acompanhar os problemas do mundo atual, compreendendo as dificuldades dentro e fora das fronteiras, começando a auxiliar aos que sofrem, dando de si, do seu trabalho, de sua mesada.

Preparar para a futura participação na política

Aquelas que já podem votar que se preparem para exercer êsse direito, com esclarecimento : a abstenção que se observa de três mulheres em quatro nesse terreno é para se lamentar. Não é, portanto, o coração que basta formar; porém, a inteligência que se deve esclarecer. É que a sua presença, ao lado do homem, seja para elevá-lo e dignificá-lo.

Ensinar a doutrina social dando-lhes oportunidade de realizar trabalhos na escola

Ao publicar sua Encíclica *Mater et Magistra*, o Papa João XXIII manifestou o desejo de que a doutrina social fôsse ensinada como matéria

obrigatória em tôdas as escolas católicas, de todos os graus... (223) e pediu, mesmo, que os princípios sociais não fôssem apenas expostos, mas também aplicados.

Fazendo ver a importância do trabalho, vemos que "Educar a pessoa é torná-la capaz de criar e de se exprimir pelo seu trabalho".

Em que grau o estaremos realizando ?

No que propomos a nossas alunas, nossa intenção será de lhes dar possibilidades de realizar alguma coisa ? O lugar que ocupam na comunidade escolar é determinado apenas pelo trabalho que realizam ? A comunidade escolar visa o trabalho ?

Ninguém deve ser parasita na sociedade em que vive : cada um deve, pois, participar ativamente na vida do conjunto, isto é, ser um agente livre e responsável, agente promotor do bem comum ao qual deve se submeter e à realização do qual deve contribuir.

Em primeiro lugar, devemos preocupar-nos em prepará-las através da vida escolar, ensinando-lhes a respeitarem o prédio, o mobiliário, o material em geral. É o primeiro passo.

A experiência da socialização se fará não com autômatos, mas com iniciativas que as formem para a responsabilidade e para a liberdade : "só se aprende a se servir bem da liberdade pelo seu emprêgo são" (232).

É preciso que as alunas cooperem com a escola, que seja uma realidade viva. Isso dará mais trabalho ao professor... é mais fácil a autocracia...

Quando se tratar do auxílio ao menos favorecido, o que é importante é pensar sèriamente nessa diferença de sorte, meditar !

Nossa tarefa é dupla : fazer pensar e dar oportunidade para agir.

Ensinar o caminho duro do sacrifício

Dizem sempre que a escola é o prolongamento do lar : com mais acêrto, diremos que é um mundo nôvo, à parte.

No lar, as crianças são poupadas do sacrifício e mesmo do menor esfôrço. É grande e difícil a nossa tarefa de fazer-lhes compreender o valor e a necessidade do esfôrço e chegar a amar o sacrifício.

No lar, ao pedido do filho, a mãe cede; na escola, a criança vai conhecer o inexorável : é a iniciação dura para a vida.

Na escola fazem-se amigos, mas também inimigos; admiradores, mas também críticos... É preciso aprender a aceitar tudo.

Na escola, os valôres não são os mesmos que lá fora : aí não contam o carro de luxo ou belos vestidos ou penteados. Contam o trabalho, a inteligência, a atenção.

Nós, professôres, façamos valer os nossos dotes e atitudes, e que êsses sirvam de exemplo e de estímulo a nossos alunos.

O escritor francês Alain propôs a questão seguinte : "Será que a escola que se esforça por assemelhar-se à família fará mais bem ao aluno do que aquela que o trata como aos outros, comandando-o sem preocupação de seu temperamento, de seus gostos ou repugnâncias ?

O que é necessário, de fato, sobretudo em se tratando de meninas, é um sábio equilíbrio : nem uma preocupação exagerada pelos gostos pessoais, mas, também, evitar uma atitude impessoal ou despótica.

Lealdade e espírito de equipe

A nossa grande e séria preocupação é de formar o espírito de justiça : ser justos e exigir o mesmo, fazendo-lhes compreender que a *cola* é uma injustiça, seja por fraqueza, seja por orgulho de confessar a ignorância. Não só a *cola* é uma injustiça, mas tôda e qualquer atitude que se afaste da lealdade.

O trabalho em *equipe*, em classe ou no esporte, desenvolve o bom espírito de cooperação. É uma necessidade desenvolvermos êsse bom espírito.

Para o desenvolvimento, em nossas alunas, saibamos também trabalhar em *equipe*. Como fazê-lo ? Devemos ser todos solidários : nunca aceitarmos críticas aos colegas em nossa presença. Isso enfraquece a autoridade em si, e cada um sofrerá com essa atitude. Sem falar no tempo que se rouba à matéria que deve ser ministrada. As alunas sabem julgar aquêles que caem inocentemente nessa armadilha.

Não podemos limitar-nos a fazer o que é de estreita obrigação

Se desejarmos que as alunas amem e respeitem o colégio, é preciso que tudo façamos para êsse fim, que elas possam ter orgulho da escola que freqüentam. Não é só a aula que deve ser agradável, mas devem ser proporcionadas atividades extras que unam as alunas entre si e o colégio.

Mas, se a atenção do professor se limita estritamente ao tempo da aula, se não dá alguma coisa de si, além dêsses quarenta minutos, como exigir do aluno algo além do trabalho para nota ou para prova ?

O saudoso Revmo. Padre Charles, em uma conferência realizada aqui no Colégio, disse-nos : "O cumprimento estrito do dever é mera mediocridade; só o que fazemos além do nosso dever tem valor de generosidade". Cabe, pois, a nós darmos o exemplo da generosidade.

Uma peça representada, um debate que exige preparo, uma exposição, pesquisas em grupo, os ensaios de um coral, tudo que exigir um trabalho extra, educa, forma, aperfeiçoa. Contanto que isso não se faça em prejuízo das aulas, nosso dever de estado.

Na educação é decisiva a atitude do professor

No Congresso das Religiosas houve uma sessão em que contaram o que realizam na formação social de suas alunas : fiquei realmente edificada. Será que nossas alunas não seriam capazes de dar provas de igual generosidade para com os pobres ? Como estamos longe dos exemplos citados !

À pergunta que lhes fêz o animador dessa sessão sôbre os projetos que tinham para melhoria dos trabalhos, e que pontos lhes pareciam mais importantes, foi-lhe respondido : "Conseguir maior colaboração dos professôres, e que as alunas tenham diante dos olhos o testemunho de intercâmbio vivido".

Mas como ? Por meio de preleções ? — Não. Em tôdas as suas palavras, em tôdas as suas atitudes, o professor é um exemplo para as alunas : o modo de entregar de volta o trabalho de uma aluna, a crítica feita, a repressão a uma falta cometida, o cuidado em corrigir uma prova, tudo isso conta. Uma palavra mordaz, em vez de diminuir a aluna, é ao professor que o faz.

Ensinar a encarar a futura profissão como meio de dar sentido cristão à atividade temporal

Como preparar nossas alunas para o trabalho ? Devemos convencê-las que não é uma tarefa para se ganhar dinheiro, mas uma contribuição à humanidade, de cada membro para cada membro.

Demos-lhe a noção do espírito religioso do trabalho profano, de um intercâmbio amigo : cada um dá o que tem.

Devemos colaborar com a graça de Deus de modo que as alunas que saem de um colégio católico possam dar um testemunho da fé que é a participação ativa, no sentido cristão, em tôdas as atividades humanas ao seu alcance.

"Não é o campanário nem o sino que evocam Deus ao mundo, mas a conduta do cristão".

O nosso encargo é formar cristãs; se elas não participarem na vida coletiva, a educação cristã foi mal compreendida.

Obstáculos

Dificuldades que teremos a vencer :

1 — Comodismo das famílias e o desejo de apenas ganhar dinheiro, ter suas comodidades, gozar de fim de semana e boas férias. Só favorecem o egoísmo.

2 — Falta de hábito de compreender o espírito de solidariedade; não se pensa nos outros, nas suas necessidades.
3 — Não assumir compromissos. Falta de responsabilidade. Em bom português : o egoísmo, sempre.

O egoísmo

Disse um dos oradores do Congresso: "Se a jovem educada em um colégio católico não tiver adquirido êsse dom de contato, êsse sentido do próximo, ouso dizer que uma parte essencial de sua educação religiosa falhou".

Como há o que fazer com nossas alunas, quanto ao bom emprêgo, não só de seu dinheiro como de sua cultura ! Para isso, será preciso que elas saibam colocar-se no lugar dos outros, a fim de compreender o sofrimento.

Temos muito que meditar nesse sentido. Se nossas alunas são egoístas, não será só culpa da família; que fazemos nós por elas ?

Façamos o nosso exame de consciência, cada uma de nós. Que fazemos para despertar-lhes o sentido social ? Como vencer dois obstáculos : os programas e nós mesmos ?

Instrução ou educação

A cultura que damos a nossas alunas será realmente humanística, ou será um acúmulo de noções apenas ? Saber muito e não se tornar melhor, valerá a pena ? Através dos textos que dissecam, saberão perceber a mensagem que êles trazem ? Não poderemos escolher as obras que devem ler, tendo em vista a educação do sentido social, ao mesmo tempo que a excelência do estilo ? Não poderemos organizar uma antologia com essa finalidade ?

Vejamos, em cada aluna, o futuro que a espera.

Na História, na Ciência, na Filosofia, que cada um procure o meio de formar suas alunas. Só quando estivermos todos contribuindo com o nosso quinhão, poderemos esperar um resultado feliz, na educação de nossas alunas.

Deus queira que elas possam, mais tarde, produzir os frutos do que aqui foi plantado e abençoar a memória daqueles que as educaram.

A coleta da ação católica ADVENIAT, em prol da América Latina, rendeu no ano passado cêrca de 41,3 milhões de marcos, que foram 14,6% a mais do que no ano de 1963.

(I. P. 28-04-66)

O Fenômeno da Pluralização no Brasil Modifica Profundamente as Perspectivas Pastorais

Sociedade sacral e pluralista — Mudança social no Brasil — Pastoral de cristandade e pastoral de testemunho

PADRE PAULINO GOLLARTE, O. CARM.

Inegàvelmente há um esfôrço gigantesco para adaptar os métodos pastorais às circunstâncias modificadas do tempo atual. Mas será que todos têm noções claras a respeito da profundidade destas modificações? Trata-se apenas de métodos que devem adaptar-se? Ou será que a Igreja deve mudar suas estruturas? Modificar a imagem que ela projeta de si mesma sôbre o mundo? Será que a Igreja no mundo de hoje terá que ter função diferente da que tinha no passado?

Parece-nos que estas perguntas estão à base do artigo seguinte do sociólogo Revmo. Padre Paulino Gollarte, em que afirma que no Brasil a sociedade sacral está cedendo para a sociedade pluralista, e que, para acompanhar esta evolução, a pastoral de cristandade, pastoral de sacramentos, pastoral clericalizada, terá de ser substituída por uma pastoral de testemunho e de presença. Suas explicações lançam ainda nova luz sôbre as perguntas: como se explica que o homem do interior abandona sua religião, ao mudar-se para os grandes centros, e que o espiritismo está crescendo tanto? Qual o impacto do progresso técnico sôbre a religião? Como se explica que a Igreja adquirtu a característica de clericalização e que a sociedade pluralista tem reações hostis à Igreja?

A REDAÇÃO

Traduzir princípios perenes para a realidade social exige a contribuição da sociologia

Ao publicar o *Plano de Emergência*, o nosso Episcopado pôs bem claro a urgência e a necessidade de "basear nossas atividades pastorais em sondagens objetivas e estudos sociológicos". Conhecer para agir.

Entende-se por pastoral, no presente artigo, um programa global e concreto, aplicado a circunstâncias espaciais e temporais mediante uma *ação nas estruturas* da coletividade que se tem em vista. Supõe esta pastoral uma *doutrina*, uma reflexão intermediária entre o plano das teorias abstratas (princípios, fins) e o plano dos meios de ação e das realidades concretas. É a aplicação da mensagem evangélica *hic et nunc*.

Na situação atual do Brasil, ninguém julgaria temerário afirmar que mais do que proclamar os princípios perenes, se faz imprescindível a transposição dos mesmos para o nosso contexto social. Uma tarefa de tal dimensão, se quiser ser racional e eficaz, demanda a contribuição da sociologia, a ciência de mecanismo social. Se somos concordes em afirmar que o conhecimento das correlações vigentes entre os fatos sociais se impõe aos homens encarregados de orientar a vida política, econômica etc. da nação, qual não seria então a utilidade da compreensão das flutuações e variações da expressão da vida religiosa no âmbito de nossa pátria e no presente momento histórico, a fim de possibilitar uma ação pastoral mais vasta e em profundidade ?

1. Que é cultura sacral, onde persiste e como se caracteriza?

Cristandade é o têrmo que designa *a identificação da Igreja com a sociedade temporal*. Foi sob o império de Constantino que teve início a encarnação do transcendente no temporal, mas faltou-lhe o requisito da autenticidade. Levantou-se uma reação com várias rupturas e conseqüentemente se difundiu a laicização sempre mais na vida sócio-político-cultural.

Mantém a cultura sacral o seu domínio nos países desconhecedores da revolução industrial e caracterizados, no plano profissional, pela prevalência das atividades primárias (extração e agropecuária). Contato com a natureza, generosa uma vêzes, recalcitrante outras, numa dependência quase ou totalmente absoluta das condições climatéricas, influi profundamente sôbre a atitude religiosa do homem do campo. É êle pragmático na sua religião. Cultiva uma religiosidade natural, assume em face do divino a posição interesseira do *do ut des*, da utilidade em vista. Delineia-se, assim, um tipo de religião providencialista sem maiores implicações para a vida moral do indivíduo, o qual atribuirá menos importância às disposições espirituais interiores do que ao gesto ritualista.

Como se relacionam, numa cultura sacral, as seis instituições de base? e qual é a posição do sacerdote?

Consideremos as seis instituições de base da sociedade : a família, a religião, a educação, a economia, a política e a recreação. Na sua corres-

pondência às várias necessidades da comunidade, fornecem elas uma radiografia do meio ambiente. Será que no seio de uma cultura sacral elas têm uma configuração típica ?

Predominam na sociedade sacral a família e a religião. São estas instituições que determinam as demais. O processo de aculturação se faz quase automàticamente através dos canais tradicionais, principalmente pela família e pela comunidade rural.

Dentre os agentes da pastoral, destaca-se o sacerdote. Neste tipo de sociedade, sua imagem — aparente ou pressuposta — não corresponde à sua função verdadeira. Sua figura como detentor do contrôle ou de guardião da moral lança sombras sôbre o seu legítimo papel de pastor. Nota-se êste fato até mesmo nas campanhas vocacionais : o padre é apresentado como *um homem diferente dos demais*, um *ser sublime*, ao invés de se pôr em relêvo o homem de Deus, o servidor do povo de Deus, o formador dos leigos em vista da aquisição de uma fé adulta.

2. A industrialização significa o fim da cultura sacral, modifica a posição da família e da Igreja e introduz a sociedade pluralista

Foi a revolução industrial o fator predominante na modificação da sociedade sacral. A introdução da máquina teve como conseqüência uma divisão maior do trabalho humano e despertou a necessidade da multiplicação das especializações.

A transformação do tipo de sociedade tradicional em uma sociedade técnica, industrial, urbana e pluralista, implica mudanças nas relações sociais e nos canais de transmissão dos valôres.

Toma-se consciência da flexibilidade e vulnerabilidade das estruturas e instituições sociais, consideradas até então como naturalmente imutáveis. A família deixa de monopolizar uma série de funções, reservando-se apenas as que lhe são essenciais. Assinala-se a perda do contrôle e do relativo automatismo da religião. Já não é mais pacificamente admitido por todos o domínio da Igreja Católica. Protesta-se contra qualquer nesga de privilégio da Jerarquia e do clero, vendo-se, por vêzes, em sua ação uma tática para clericalizar o mundo.

As seis instituições acima mencionadas adquirem uma nova configuração : deixam de se apresentar aglomeradas numa pirâmide sob a égide da família e religião, para se colocarem em posição paralela umas às outras.

Tal situação foi objeto de uma análise muito ponderada na pastoral coletiva do Episcopado de Tanganika : "a compreensão dos princípios existentes na base da colaboração, dentro da liberdade, acha-se na dependência do seguinte fato : a sociedade humana, no mundo inteiro, é uma sociedade em que os homens, diferindo entre si por crenças, ideologias, idéias políticas, raça, meio social e cultural, vivem juntos e devem esforçar-se em uma cooperação harmoniosa".

3. O Brasil está em vias de pluralização

O Brasil atravessa uma fase de mudança social acelerada, é um fato. Seria demasiado simplismo querer enquadrar sem mais nosso País em um ou outro tipo de sociedade acima descritos. Mesmo porque a transformação social não atua simultâneamente em todos os segmentos sócio-culturais. Com muito mais exatidão afirmamos o Brasil encontrar-se em vias de pluralização. São os fatôres de maior influência neste processo : a industrialização e o impacto dos países mais industrializados.

Graças ao vertiginoso incremento dos meios de comunicação e à multiplicação dos meios coletivos e individuais de transporte, viu-se a nossa sociedade integrada num âmbito muito mais amplo. É progressiva a politização das massas, e gradualmente desaparecem as populações marginalizadas. A integração dos povoados, antes isolados e debruçados sôbre si mesmos, com os centros urbanos vai revolucionando a concepção de vida dos rurícolas. A nossa projeção no campo internacional coloca-nos em contato com padrões de comportamento extremamente heterogêneos, integra-nos no cosmopolitismo.

Estas transformações sociais favorecem pluralismo religioso

Prescindindo do pluralismo étnico e cultural, preferimos concentrar-nos no religioso. Manifesta-se êle, sobretudo, de duas maneiras : aumento do número de protestantes e dos sincretismos. A título de ilustração, será suficiente assinalar que na década 1940-1950 foi o seguinte o ritmo de crescimento das diversas religiões : católicos, 24% ; protestantes, 62% ; espíritas, 78% ; outras, 57%. No mesmo período atingiu o desenvolvimento populacional 26%.

Dado o volumoso êxodo rural, as populações fixadas na periferia das grandes cidades, e que viveram até então uma forma de cristianismo muito próximo a uma religião natural, aderem fàcilmente ao espiritismo, fenômeno antes urbano que rural, ou se afiliam a seitas protestantes do tipo pentecostal. Observa-se hoje que o espiritismo, principalmente, vem exercendo uma função social de integração para esta faixa de pessoas, proporcionando-lhes proteção e assistência para suas frustrações e desajustes em um meio ambiente urbano, conforme ficou comprovado por pesquisa recente (Cândido Procópio de Camargo — *Aspectos sociológicos do espiritismo em São Paulo*).

4. O papel dos grandes proprietários rurais na formação religiosa do povo brasileiro

A pastoral deve ter em conta os dois Brasis, na expressão de Jacques Lambert : o moderno e o arcaico. Não são duas etapas sucessivas, mas di-

culturais regionais coexistentes. Pela extensão de nosso País encontramos idades técnicas e culturais que vão da era paleolítica aos graus mais avançados do século XX.

Para exemplificar o contraste, citemos o caso de subcultura da fazenda. Colonos e trabalhadores assalariados acham-se estreitamente vinculados aos grandes proprietários rurais por aspectos econômico e emocional. Dispensam-lhes êstes em troca uma proteção paternalista. Tal dependência estende-se também à esfera religiosa, a ponto de o fervor do patrão para com esta ou aquela seita ter uma importância capital. É o que vem mantendo em muitas regiões a fidelidade ao catolicismo.

Êste fenômeno, quer nos parecer, é ainda uma reminiscência do que nos narra Gilberto Freyre na sua famosa obra *Casa-grande e senzala*. Na formação brasileira o papel de igreja articuladora não coube à paróquia, mas à capela do engenho. Os sacerdotes, à exceção dos jesuítas, bem depressa se acomodaram às funções de capelães, de padres-mestres dos filhos do senhor do engenho. Na qualidade de membros de família, ao menos assim considerados, integraram-se no sistema patriarcal do século XVIII. Resultou daí o lamentável espírito de subserviência dos padres aos grandes proprietários.

O contraste com a sociedade industrializada

No lado oposto, destacam-se as gigantescas cidades do Rio e de São Paulo. As relações de tipo comunitário cedem aí lugar às relações de tipo indireto. Desaparecem os laços afetivos que uniam os indivíduos nas comunidades rurais, substituindo-os os liames de interêsses, de intercâmbio comercial ou de vizinhança. À solidariedade do mutirão sucede o anonimato das grandes fábricas : é a massificação do homem.

Até mesmo no isolamento proporcionado pelas montanhas, onde o mineiro forjou o seu espírito conservador, onde se arraigou no sentido da tradição, já penetrou a cultura pluralista. Se Ouro Preto mantém teimosamente sua aparência do século XVIII e Sabará conserva ainda seus monumentos, Belo Horizonte é o centro de surto progressista. O influxo das companhias siderúrgicas vem sempre mais se destacando nas transformações econômicas e no afloramento de novas cidades. Governador Valadares e Coronel Fabriciano não surgiram nos moldes das antigas povoações. Destituídas de festas tradicionais, na sua origem não se registrou a presença da Igreja; falta-lhes aquela tradição católica característica da formação da maioria das cidades mineiras. Seguem-se daí uma contínua expansão do protestantismo e do espiritismo e certo afrouxamento moral.

Tornou-se inoperante a pastoral própria à cultura sacral, sobretudo pelo seu caráter clerical

Verifica-se, pois, a ineficiência do emprêgo de uma pastoral de cristandade, pastoral esta especificada pela preocupação em conservar e de-

fender a fé, pela administração dos sacramentos sem prévia catequese, pela multiplicidade de devoções, pela pregação exclusiva da moral, pela ausência de planejamento e pelo autoritarismo sacerdotal. Em uma palavra, sua nota distinta é a centralização demasiada na mão do clero.

Se na cultura sacral bastava a pastoral dos sacramentos, na sociedade pluralista urge a pastoral de evangelização

Na gênese da sociedade brasileira destacou-se sobremaneira a família ou, mais exatamente, a unidade familiar. Sob o teto acolhedor da casa-grande, além do senhor e do escravo, abrigavam-se familiares achegados e parentes mais afastados, compadres e afilhados. A religião se transmitia nos serões familiares, embora o elemento cultual prevalecesse sôbre a mensagem evangélica. Os organismos sociais também cooperavam nessa transmissão. Então se compreende por que numa cultura sacral é suficiente distribuir os sacramentos. No entanto, a situação é totalmente diferente em uma sociedade pluralista: as instituições não são permeadas de religiosidade, por conseguinte não basta apenas uma pastoral dos sacramentos; mais importante se faz a pregação do Evangelho. À luz do que se disse até agora, que deveríamos pensar de certas campanhas intempestivas de comunhões ou de terços diários ao som de alto-falantes da paróquia?

Urge substituir a pastoral de domínio por uma pastoral de serviço e de presença

A uma pastoral de domínio, na sociedade pluralista, deve suceder uma *pastoral de testemunho*. Cumpre conscientizar os nossos fiéis da sua pertença à Igreja, levá-los a assumir um compromisso pessoal e comunitário, fundamentado em uma convicção profunda. O católico tem que estar presente nas instituições. Sua presença significa a presença simultânea da Igreja, num testemunho autêntico da sua vocação.

No que tange às regiões onde vigora ainda o regime de cristandade, se faz mister preparar gradativamente a passagem futura para o pluralismo. Seu advento está no bôjo de um processo irreversível. A difusão dos chamados *mass-media* constitui um alerta.

Qual será o impacto do progresso técnico sôbre a religiosidade?

O nosso Nordeste, via de regra, vive ainda a religião dos rituais das rezas para fazer chover. Descobre o vaqueiro na estiagem prolongada os indícios da cólera divina, que se abate sôbre a terra, e procura, mediante

procissões e penitências, aplacar ao Deus irado. As inovações técnicas, porém, farão com que se defronte com um poder nôvo e superior ao alcance de sua mão. Projetam os planejamentos governamentais a abertura de poços, a construção de reservatórios para água de chuva e a multiplicação de açudes a fim de prevenir eventuais sêcas. Qual será o impacto disso tudo sôbre a religiosidade do nordestino? Chamaremos a técnica de instrumento de descristianização? É da responsabilidade da Igreja orientar êsse processo de transição a fim de que os homens do campo continuem a descobrir o rosto do Senhor em uma natureza mais dominada e no trabalho menos fatigante.

A mudança da cultura social para a sociedade pluralista é inevitável: processar-se-á com ou sem nós

O pluralismo religioso se nos impõe com o constrangimento de um fato. Face a êle, existe uma atitude a ser tomada. Consoante as palavras do emérito professor Gabriel Le Bras: "uma Igreja que se mantivesse numa posição defensiva, reconheceria o seu cansaço. Quando tôdas as estruturas estão em repouso, num mundo em plena efervescência, pode-se duvidar da sua sensibilidade, da sua elasticidade, da sua chance de adaptação. As ousadias, as temeridades são, pelo contrário, reações saudáveis".

Creio não haver ninguém hoje em dia que ponha em dúvida que uma religião tradicional já não pode subsistir por muito tempo: requer-se uma autêntica adesão. A religião, mais do que um fato decorrente de determinado ambiente, é uma atitude pessoal em face de Deus, uma comunhão pessoal de amor com Deus, dentro de uma comunidade religiosa, imagem da Igreja e sinal da salvação para a sociedade profana.

PEDIDOS DE NOVAS FUNDAÇÕES

Sobradinho, RS — Solicita-se a ajuda de uma congregação de religiosas que possa enviar algumas irmãs para a ESCOLA e GINÁSIO PIO X, com Escola Normal do 2.º ciclo e Técnico Comercial, num total de 500 matrículas.

As condições materiais são boas: doação do prédio, com clausura, capela, cozinha, luz, água, convênio firmado com o Estado etc. Oferece lugar para 70 a 100 internas juvenistas. Não há irmãs no Sobradinho. Só com sacrifício a Paróquia consegue por isso manter a Escola e Ginásio. Quem pode atender?

Dirigir correspondência a:

Pe. Benjamim Copetti
Escola e Ginásio Pio X
SOBRADINHO — R.G. do Sul

Note e Anote

A COMUNHÃO SOB AS DUAS ESPÉCIES

Por Decreto de 7 de março de 1965, a Sagrada Congregação dos Ritos regulou o rito definitivo da Concelebração e o rito da Comunhão sob as duas espécies. Os casos e as condições para a Comunhão do pão e do vinho são, em resumo, os seguintes :

A Comunhão sob as duas espécies pode ser concedida, a juízo dos bispos, às seguintes pessoas : 1) aos ordenados na missa de sua Ordenação; 2) ao Diácono ou ao Subdiácono em exercício na missa pontifical ou solene; 3) à Abadessa na missa de sua Bênção; 4) às virgens, na missa de sua Consagração; 5) aos professos, na missa de sua Profissão religiosa, em que emitem os seus votos; 6) aos nubentes, na missa de seu Casamento; 7) aos adultos que se batizam na missa que se segue ao Batismo; 8) aos adultos que recebem a Crisma, na missa de sua Confirmação; 9) aos cristãos batizados, recebidos na comunhão da Igreja; 10) aos referidos nos números três a seis, na missa dos seus jubileus; 11) aos sacerdotes presentes a grandes celebrações e que não podem celebrar ou concelebrar; e aos irmãos conversos que nas casas religiosas assistem a uma Concelebração.

a) os comungantes bebem diretamente do cálice;
b) recebem o pão molhado no vinho (*per intinctionem*);
c) tomam do vinho por um cálamo de prata (deverá, nesse caso, haver tantos cálamos quantos comungantes);
d) finalmente, usando uma colher.

O Decreto de 7 de março descreve em minúcias os ritos a seguir em cada uma dessas modalidades, e segundo várias hipóteses possíveis.

(Secretariado Nacional de Liturgia da CNBB — Documento n. 1)

UMA NOVA EXPERIÊNCIA DE PASTORAL PAROQUIAL EM ELIAS FAUSTO

Iniciou-se no dia 21 de fevereiro de 1965 uma nova experiência de Pastoral Paroquial.

A paróquia de São José de Elias Fausto, arquidiocese de Campinas, São Paulo, sem vigário residente há 17 anos, foi entregue a uma equipe pastoral constituída por :

1. Um sacerdote que vai à paróquia normalmente aos sábados e domingos para celebrar a santa missa, atender as confissões, assistir aos casamentos, batizar e ungir os enfermos.

2. Três irmãs missionárias de Jesús Crucificado que vivem na paróquia, na casa paroquial. Essas irmãs não constituem uma casa formada mas integram a comunidade do Centro Pio XII de Campinas e estão em missão permanente na paróquia. Cuidam da catequese, obras sociais, assistência religiosa às associações e agremiações paroquiais, escrita oficial da paróquia. Podem batizar nos casos de emergência e missionam nas capelas rurais. Na ausência do vigário, promovem celebração da Palavra de Deus, à noite, por ocasião de enterros etc.

3. Um grupo de oito leigos que formam o Conselho Paroquial. Êste participa de todo o planejamento paroquial e responsabiliza-se pela manutenção financeira da igreja paroquial, do culto, das irmãs e do sacerdote.

(Notícia extraída do Relatório da Secretariado Arquidiocesano da CNBB de Campinas (Orgão de coordenação pastoral arquidiocesano de acôrdo com o Plano de Emergência), Campinas, abril de 1965)

———OOO———

ENCONTROS

ENCONTRO NACIONAL DE RESPONSÁVEIS POR CENTROS DE PEREGRINAÇÃO, em Petrópolis, RJ, de 19 a 23 de julho

SEGUNDA SEMANA DE PASTORAL para professôres de seminário maior, em Valinhos, SP, de 13 a 22 de julho

SEGUNDA ETAPA DO CURSO DE ATUALIZAÇÃO PSICO-PEDAGÓGICO, na Casa Provincial das Filhas da Caridade, à Rua Santa Amélia, 102, Rio de Janeiro, de 17 a 27 de julho

VII ASSEMBLÉIA GERAL DA CRB, para superiores e superioras maiores, de 21 a 23 de julho

ENCONTRO REGIONAL DE PREGADORES DE MISSÕES POPULARES, em Passo Fundo, em julho
(Dirigir-se ao Revdo. Pe. João Werner, C.SS.R., à Rua Dr. Barros Cassal, 767, Pôrto Alegre, RS)

A Igreja na América Latina Está Empenhada Num Esfôrço de Renovação

Como uma pessoa de fora encara o movimento renovador

ALBERTO LLERAS

Uma pastoral bem orientada não pode dispensar de uma análise constante da situação religiosa e da imagem que a Igreja projeta de si mesma na sociedade. Com êste intuito transcrevemos um artigo de Cidoc Informa, *de 15 de fevereiro de 1965, escrito por uma "pessoa de fora". Revela que amplos setores da opinião pública encaram com simpatia o esfôrço de renovação, que vêem na Igreja universal e também na Igreja Latino-Americana. De modo especial agrada-lhes uma maior independência da Igreja em relação ao poder público e poder econômico e conseqüentemente maior abertura para os problemas sociais. Como pessoa de fora, o autor não tem uma visão adequada da missão integral da Igreja neste mundo. Por isso, o leitor não precisa subscrever tôdas as conclusões e interpretações do autor. Mesmo assim a leitura pode fazer bem, exatamente porque nos revela os pensamentos de amplos setores da opinião pública acêrca da Igreja.*

A REDAÇÃO

A América Latina e o movimento renovador na Igreja universal

Por ocasião do Natal de 1964, a revista *Visión* quis fazer um informe especial sôbre a Igreja Católica na América Latina. O leitor já terá notado que a reação que se processou na Igreja Católica Romana desde os venturosos dias de João XXIII não deixa de encontrar eco nesta parte do mundo que, em números, representa a têrça parte do Catolicismo universal. Do outro lado deverá também aperceber-se de que a América Latina talvez seja uma das regiões menos sacudidas por êste hábito de *aggiornamento* — o afã de pôr em dia uma tradição duas vêzes milenar.

É nossa impressão que nos debates do Concílio não foram nossos cardeais, arcebispos e bispos que tiveram a atuação mais destacada entre todos, nem uma atuação proporcional à população católica da zona. Mas também é certo que não foram, como alguns receavam, o grupo mais oposicionista e tradicionalista.

Não se compreende a situação atual sem conhecer a história eclesiástica da América Latina

Êste receio se baseava no fato que a Igreja na América Latina está mais perto do espírito de seus antepassados (espanhóis e portuguêses) e de outros latinos (italianos e franceses) do que do espírito de luta e de renovação que a mesma Igreja teve que sustentar naqueles países onde a Reforma deixou um traço marcante. Na América Latina a Igreja se estabeleceu assim como veio da Península : uma prolongação do Estado, uma parte do govêrno, um funcionalismo místico e uma agência para a preservação dos costumes e da ordem política. Não é de estranhar que por isso ela se estendesse mais formal que profundamente pelo território continental e pelas ilhas do Caribe e que o batismo nos primeiros tempos fôsse como parte dos ritos de ocupação do nôvo império, sem que se prolongasse e intensificasse muito a pregação, a catequese e muito menos ainda a caridade e proteção para com os recém-batizados. Que isso foi um fato dizem-no-lo as grandes lutas de excepcionais sacerdotes em favor de índios e negros e as destemidas virtudes dêsses varões exemplares, como o Bispo Toro, o Padre Las Casas, São Pedro Chaves, São Luís Beltrão, Frei João de Tôrres e tantos outros.

O clero e os governos

Ainda, como conseqüência lógica desta interdependência entre a Igreja e o Estado, a primeira sempre se ocupou com política, meio claríssimo de conservar sua situação de privilégio, e, dentro de uma ordem pessoal e humaníssima, com o fito de adquirir *prebendas* e *benefícios* que o Estado dispensava, de acôrdo com os podêres, concedidos aos Reis Católicos. A conquista e a colonização do extensíssimo império americano se fêz, assim com a Igreja, ou melhor ainda, com o clero como instrumento de primeira classe dentro da burocracia peninsular. Tudo isso contribuiu para que o clero, no Brasil e em tôda a América Latina, como aliado que era de um Estado ultraconservador, fôsse um corpo conservador e que a Igreja nessa região, em suas posições políticas, não tenha se diferenciado muito da mesma na Espanha e em Portugal.

Mudança de mentalidade do clero em relação aos problemas sociais

Contudo, nos últimos anos — nas duas ou três décadas — os sacerdotes católicos já não são formados exclusivamente em seminários locais, mas viajam a Roma, a Paris, a Lovaina, aos Estados Unidos, ao Canadá, e estão muito mais bem integrados com o que se passa no resto do mundo. As novas gerações do clero se entusiasmam por uma ação mais ampla e mais profunda na ordem social, que vêem estagnada e injusta, e que não desejam favorecer através de uma aliança desigual com fazendeiros e empresários. Chegam aos postos mais altos da Jerarquia padres inspirados por êste conceito de sua missão terrena tão diferente daquele que acentua unilateralmente a importância de ganhar a vida eterna através da recepção dos sacramentos, e que dá pouca importância à promoção humana, transformando os padres em piedosos e impotentes observadores da miséria à sua volta. Querem que haja justiça no mundo e a buscam com coragem. Ao redor de uma Igreja assim, mais preparada para a discussão dos problemas do homem sôbre a terra, tanto pela filosofia como pelas ciências sociais, fàcilmente se reúne uma paróquia ativa e animada, e a religião católica deixa de ser principalmente serviço para mulheres, como aparentemente vinha sendo até há poucos anos.

Urgência da renovação pastoral no interior

Onde se requer maior mudança na América Latina, e mais rapida, é no campo, que tão perto está do cura de almas, porquanto em suas aldeias e casarios muitas vêzes não há maior autoridade moral, política ou social além do pastor da comunidade católica, à qual, até que não se demonstre o contrário, pertence todo camponês latino-americano. Nesse setor justamente se apresentam fatos, esporádicos mas importantíssimos, promovidos por bispos jovens que não hesitam em apoiar com tôda sua fôrça a transformação dos sistemas de posse e de uso da terra, contra a oposição de caciques e fazendeiros que tradicionalmente sustentaram o culto. Mas o clero é pouco, e muitos dos padres mais velhos têm preparo deficiente, de tal modo que o clero não está em condições de promover e manter uma política social da Igreja nesta questão. Contudo, no momento, não se pode mais afirmar que a Igreja Católica na América Latina é uma fôrça reacionária e capitalista.

Urge, portanto, fazer uma distinção, que os marxistas não fazem: entre a Igreja, organismo temporal dirigido por homens em circunstâncias terrenas que determinam muitas de suas posições e comportamentos, e a Igreja eterna, dedicada a sua missão de recuperar e salvar almas. Há, por isso, uma Igreja na América Latina, com comportamento político diferente para cada país, com patronatos, concordatas e separação entre Igreja e Estado, comportamento que não constitui, por certo, dogmas nem

sequer verdades permanentes, senão atitude temporal e mutável. E essa Igreja é que está mudando, para melhor.

O perigo de a América Latina deixar de ser católica

A Igreja não tem nenhuma garantia de que na América Latina o número de católicos aumente em proporção com o aumento da população. Muitos dos católicos latino-americanos não são com efeito verdadeiros católicos. "O problema que enfrenta a América Latina — disse Dom Hélder Câmara, Arcebispo de Olinda e Recife — deve ter preferência sôbre todos os demais. Um continente que é católico de nome deve ser também católico de fato. Existe o grave perigo de que o povo da América Latina deixe de ser católico e até cristão".

O país latino-americano no qual a Igreja sustenta pontos de vista mais avançados em matéria política e social é sem dúvida o Chile. Na Igreja do Chile, entretanto, há apenas meio século triunfavam idéias diametralmente opostas às que hoje se impuseram.

A Igreja no Chile qualifica hoje de monstruoso o desequilíbrio econômico que existe no país.

A mesma atitude começou recentemente a adotar a Igreja nos demais países latino-americanos.

Declarou o Arcebispo de Arequipa, Dom Leonardo José Rodriguez Balón, em maio do ano passado: "Devem reestruturar-se as fórmulas jurídicas e sociais do país à luz de princípios que estejam mais em harmonia com a doutrina social da Igreja e encurtem as etapas necessárias para o desenvolvimento social e econômico da nação". Todos os membros da alta Jerarquia peruana se manifestaram de acôrdo com o Arcebispo.

A Igreja ainda tem bastante influência

Mas, que é em verdade a grande congregação católica latino-americana? De que meios materiais dispõe? Qual é o número exato de sacerdotes e fiéis com que conta? Que importância tem na vida da sociedade e que pode esperar-se dela no futuro? — Da Igreja latino-americana se pode afirmar o seguinte: a Igreja sempre foi influente desde a independência. O fato porém de ser ela influente não quer dizer que sempre tenha tido êxito. A implantação em Cuba de um regime político-social que nega a existência de Deus, o avanço do protestantismo (cujos prosélitos aumentaram de 170 mil para 5 milhões no total dos países latino-americanos durante os últimos 45 anos) e a circunstância de que só reduzido número dos que se consideram católicos pratica e compreende sua religião, são as falhas mais importantes da Igreja Católica neste Continente.

A Igreja na América Latina é pobre

Em trabalho sôbre a situação material da Igreja latino-americana publicado nos Estados Unidos se lê: "As Igrejas latino-americanas não obtêm quase nenhuma receita. Uma paróquia de Lima, a cujas missas assistem aos domingos 7 500 pessoas, recebe de seus paroquianos apenas 100 dólares semanais, quantia oito vêzes maior que a que outras recebem. Na Colômbia, a Igreja possui aproximadamente 2,5% dos imóveis urbanos e rurais do País, cujo valor se calcula em 100 milhões de dólares, mas êstes bens não são produtivos", a ponto de um banqueiro que estudou a situação recomendar aos bispos que os vendessem e investissem o dinheiro na melhoria do nível de vida da população. Em Lima, a Igreja possui 1% da propriedade urbana, mas os benefícios que obtém de seus bens são igualmente muito limitados. Face a esta situação, a Igreja não tem mais que duas saídas para chegar aos meios econômicos de que necessita: cobrar por seus serviços ou recorrer à generosidade dos fiéis. Em ambos os casos, fica à mercê das classes mais favorecidas.

A falta de clero na América Latina

A América Latina, tem em média, um padre por cada 5 500 habitantes. (Nos Estados Unidos há um padre por 680 católicos; na Espanha, França e Itália, um por cada 1 000 habitantes, aproximadamente). Ao todo, os países latino-americanos têm 37 000 padres, dos quais 14 000 são estrangeiros (7 500 espanhóis, 2 500 norte-americanos e canadenses, 1 550 alemães e austríacos, 1 200 holandeses, e o resto de outras nacionalidades). A insuficiência de padres na América Latina certamente pesou na balança para levar o Concílio Ecumênico Vaticano II a ressuscitar a instituição dos diáconos, que podem realizar muitas das funções dos sacerdotes e aliviar, por conseguinte, seu trabalho.

Catolicismo imaturo

Mesmo que em quase todos os países latino-americanos mais de 90% aproximadamente de seus habitantes se digam católicos, só uma pequena parte dêles pratica a religião e recebe os sacramentos. (A proporção varia segundo o sacramento de que se trate; todos se batizam, por exemplo, porém poucos vão à missa). Seu catolicismo, além disso, é muito peculiar e choca os católicos de outras partes. Padre William J. Coleman, da Ordem de Maryknoll, dizia: "A par de uma devoção a mais profunda a Nossa Senhora, não lhes importa a missa nem os demais sacramentos. Mantêm uma preocupação quase fanática pelo sacramento do batismo e uma opinião quase cínica a respeito do matrimônio".

As relações atuais entre Igreja e Estado na América Latina

Tôdas as repúblicas, com exceção do México, mantêm relações diplomáticas com a Santa Sé. No México, os negócios da Santa Sé se acham a cargo de um delegado apostólico sem caráter diplomático. Na maioria dos países, o Núncio Apostólico é o decano do corpo diplomático.

Em cinco países — Argentina, Bolívia, Costa Rica, Perú e República Dominicana — o Estado se obrigou a sustentar, isto é, a ajudar econômicamente a Igreja. O princípio da separação entre a Igreja e o Estado está em vigor no México, Chile, Guatemala, Cuba, Uruguai, Salvador, Nicarágua, Brasil, Honduras e Panamá. Firmaram concordatas com a Santa Sé, Colômbia, Haiti, República Dominicana e Equador.

Falta de união em conseqüência do movimento renovador

Frente ao grupo dos inovadores que desejam reformar a estrutura social, existem todavia muitos conservadores que se esforçam por manter o atual estado de coisas. Esta divisão se refere exclusivamente, claro está, a assuntos que não têm relação com o dogma. Sôbre o da limitação do número de nascimentos, por exemplo, uns sustentam a tese de que a Igreja deve continuar mantendo sua atitude atual. Outros não crêem o mesmo: "A fecundidade generosa — disse o Cardeal chileno Raul Silva Henríquez — é um bem, mas que deve ser responsável. Não se pode dar filhos ao mundo sem dar-lhes alimento, roupa e educação".

Partidos políticos de orientação cristã

Os partidos políticos católicos de *esquerda* (democracia cristã) que se formaram na Europa imediatamente depois da Segunda Guerra Mundial não existiram na América Latina senão muito recentemente. O movimento democrata-cristão, no entanto, foi adquirindo fôrça continuamente na América Latina durante os últimos anos. O primeiro país no qual seu vigor chamou a atenção foi a Venezuela, onde o COPEI de Rafael Caldera obteve maior número de votos que qualquer outro partido, depois da Ação Democrática (oficial), nas últimas eleições presidenciais. E recente é a experiência do Chile, governado hoje por um democrata cristão, Eduardo Frei, que em aliança com outros partidos venceu a poderosa aliança esquerdista nas cruciais eleições de setembro de 1964.

Perspectiva

O fato que imediatamente chama a atenção a quem observa a situação da Igreja nos países latino-americanos é que em todos, sem exceção, se produziu êste grande movimento (mais forte em uns que em outros) em favor da participação da Igreja na defesa das classes menos favorecidas. Muitos padres não se contentam simplesmente, como antes, em apelar aos abastados para exercerem a virtude da caridade. Esforçam-se por que se levem à prática reformas de base que limitem os direitos e privilégios dos poderosos, principalmente o de propriedade.

Êstes padres querem, entretanto, que tais obrigações sejam legais, além de morais, e que sejam consignadas nas legislações.

Dentro da própria Igreja não são poucos os que criticam a atitude que adotaram os inovadores, em sua maioria padres jovens educados em uma atmosfera mais liberal e por isso mais propensa à reforma e à autocrítica do que a que respiraram os padres mais idosos.

Amigos e adversários da Igreja criticam as medidas adotadas já pelos inovadores. Diz-se, por exemplo, que nas terras distribuídas pela Igreja no Chile não houve aumento de produção e sim dos gastos de administração, e que a reforma não satisfez os ocupantes das terras dos quais, pelo contrário, alguns ficaram tão amargurados que chegaram a chamar em sua ajuda parlamentares socialistas e comunistas. Dizem ainda que a reforma agrária da Igreja no Chile é um instrumento de propaganda para ganhar prosélitos e votos nas eleições.

Propaganda ou não, o certo é que a Igreja no Chile se está desfazendo do que é seu e que sua atitude está sendo imitada em outros países latino-americanos. Em Cuzco, o Arcebispo se negou a vender as terras da Igreja aos fazendeiros que queriam comprá-las, dizendo: "Êstes terrenos pertencerão aos camponeses que vivem e trabalham nelas, a quem serão entregues tão logo seja cientìficamente possível. Pois não basta conhecer a doutrina social da Igreja. É preciso também pô-la em prática". O Arcebispo de Medellín entregou tôdas as suas propriedades a trabalhadores e camponeses e empreendeu uma cruzada social que denominou "Revolução da Santa Cruz"... "Não há nada mais profundamente revolucionário — disse — do que o Evangelho. Nêle encontramos a essência de tôdas as mudanças de que tanto necessita o mundo".

Os comunistas dizem que a Igreja se viu forçada a mostrar-se *mais esquerdista*, porque os partidos democrata-cristãos foram perdendo fôrça *ante outros mais progressistas* na Bélgica, Alemanha, Itália e outras partes... Embora no Chile alcançasse recentemente um triunfo extraordinário.

O observador imparcial não poderia terminar sua análise da situação da Igreja latino-americana sem afirmar que — embora alguns dos inovadores visem efeitos políticos das reformas que propõem — sem dúvida a maioria está animada com um espírito evangélico que os levou a lançar-se nesta revolução, cujos efeitos podem ser de enorme transcendência para os povos do Continente.

Pelas Revistas

VOZES — No número de abril, às pp. 243-255, vem publicado um artigo de Padre Zeferino B. Rocha, que examina qual é a tarefa dos intelectuais católicos em relação ao mundo e à Igreja: "Mostrar como em Cristo se encontram as raízes últimas das verdadeiras respostas a todos os problemas abertos pela grande revolução científica do mundo moderno".

Ele rejeita o pessimismo: "A Igreja não tem mais chance". "Não se fechem os intelectuais católicos na contemplação de sua própria auto-suficiência, mas venham para as praias mais avançadas da cultura moderna traçar as cartas de novas descobertas".

— Nas pp. 276-279, Urbano Zilles pergunta qual deve ser a atitude do cristão perante a técnica e examina até que ponto ainda é exato: **Ora et labora.**

LA DOCUMENTATION CATHOLIQUE — Em sua edição de 18 de abril de 1965 publica nas pp. 673-676 a alocução de Paulo VI à comissão encarregada do estudo sôbre o problema da natalidade. Depois de inculcar a urgência do assunto, formula o problema: de que maneira e sob que normas os esposos devem cumprir, no exercício do amor mútuo, o serviço à vida, para o qual sua vocação os chama. Frisa que a resposta cristã sempre há de separar-se na consciência dos deveres, da dignidade do estado matrimonial (no qual o amor conjugal é enobrecido pela graça do sacramento) e da grandeza do dom feito à criança à qual é dada a vida.

— Nas pp. 687-688 publica uma alocução de Paulo VI àqueles que se dedicam à educação de crianças e adolescentes, frisando a tarefa de educá-los para a responsabilidade.

— Nas pp. 689-714, insere pronunciamento de Paulo VI e do Cardeal Silva Henríquez sôbre a devoção mariana, por ocasião do congresso em São Domingos.

— O número de 2 de maio de 1965 publica nas pp. 791-798 um estudo sôbre o diálogo com os marxistas de acôrdo com os documentos pontifícios.

LUMEN — Em seu número de abril de 1965, nas pp. 318-329, Julián Herranz continua seu estudo sôbre os institutos seculares.

TEOLOGIA Y VIDA — Na edição de fevereiro e março do ano corrente, às pp. 22-23, vem publicado um artigo de León Toloza, O.S.B., sôbre a música na liturgia: "a atual renovação litúrgica exige mais do que nunca o diálogo franco entre clero e músicos".

— Nas pp. 42-58 Egídio Viganó C., S.D.B., passa em revista a terceira sessão do Concílio.

— Na página 74 apresenta o esquema para a celebração litúrgica da palavra por ocasião de um falecimento.

— Nas pp. 75-79 descreve a situação da Igreja no Congo.

CONCILIUM — No número de janeiro de 1965, Yves Congar, O.P., fala sôbre a Igreja como Povo de Deus. Explica por que a seqüência dos três primeiros capítulos do esquema *De Ecclesia* não é Mistério da Igreja, Jerarquia e Povo de Deus, mas Mistério da Igreja,

Povo de Deus e Jerarquia. Afirma que o conceito de Corpo Místico não é o fundamental em São Paulo. O conceito *Povo de Deus* evoca a idéia de eleição, de convocação, de aliança, de consagração, de promessas divinas, de um povo em marcha.

— Nas pp. 27-49, Joseph Rotzinger estuda a colegialidade dos apóstolos, a função dos bispos nos primeiros séculos, as modificações que a idéia de colegialidade traz para a forma de apresentação do primado e depois estuda as implicações pastorais da colegialidade: ela está a serviço da fraternidade na Igreja que se opõe à mentalidade individualista das dioceses e paróquias.

— Nas pp. 50-69, E. Schillebeeckx, O.P., estuda a diferença (tensão) entre a Igreja e a humanidade. "Muitos cristãos davam a impressão de que o seu cristianismo era uma espécie de superestrutura idcológica, um campo especial, dentro do qual se falasse de reconciliação e salvação, de cruz e de ressurreição, enquanto que a vida terrena ficava de fora". Contra isto afirma: "Os fatos de, por um lado, humanidade e Igreja progredirem uma para a outra e de, por outro lado, continuar a existir entre ambas uma fronteira inconfundível conduzem-nos ao esclarecimento de um conhecimento dogmático da fé, no qual criação e doação da graça, redenção e edificação da Igreja são vistos em conjunto na grandiosa unidade da aliança de Deus com os homens".

— Nas pp. 79-87, R. Schnackenburg e Jacques Dupont, O.S.B., falam sôbre o *Povo de Deus* indicando ampla bibliografia.

— Nas pp. 88-102, Boniface Williems, O.P., examina as várias interpretações de *extra Ecclesiam nulla salus*, com ampla bibliografia.

SYMPOSIUM — Em número 1-2 de 1964, às pp. 1-4, o Padre Pedro de Mello, S.J., explica como a atual renovação da Igreja pode ser motivo de escândalo para dois tipos de cristão, uns que desejam uma transformação quase radical de tôda a estrutura eclesial e outros que temem o desaparecimento da Igreja nos moldes em que êles desejariam vê-la.

— Nas pp. 27-43, o Prof. Gilvandro de Vasconcelos Coelho expõe os vários sistemas que procuraram resolver o problema social: capitalismo, neocapitalismo, socialismo, solidarismo etc.

ORIENTATIONS (revue de pédagogie chrétienne en milieu scolaire) — Em número 2 (abril 1962), J. Le Pichon pergunta: l'internat, est-il une démission des parents?

— No número especial de 4-7 de julho, nas pp. 11-32, Padre Bourdeau examina: l'école chrétienne, institution d'Église?

— O número 8 (15 de outubro de 1963), às pp. 127-141, fala sôbre educação *democrática*.

IGREJA EM FOCO — No seu número de fevereiro de 1965, nas pp. 43-46 publica a conferência de M. Gosser sôbre a educação católica na América Latina. Examina o que significa "planificar a educação católica", define o objetivo desta educação, assinala o aumento maciço de novos meios de informação e educação (além da escola), e indica prioridades. Conclui que a presença católica no setor "escolar" constitui apenas uma pequena parte do engajamento do esfôrço educativo.

— O número de maio de 1965 publica o discurso do Santo Padre sôbre a reforma litúrgica, dirigindo-se a todos que estranham inovações como o fim da missa repentino, a comunhão recebida de pé etc.

CIDOC INFORMA — Em seu número de 1 de maio de 1965, publica um artigo do Padre Fr. Houtart, que na base da realidade atual faz uma previsão para a América Latina de 1980. Até lá a população deve ter subido de 205 para 350 milhões. Sòmente 30 ou 40% trabalharão na agricultura. Pertencerá ao passado a atual estrutura feudal. O analfabetismo estará reduzido a uns 20%.

Em seguida, Orlando Falz Borda explica que a Igreja na América Latina tem uma oportunidade excelente: "Alguns antropólogos crêem que uma rápida mudança de estruturas sociais é mais eficiente, menos dolorosa e custosa em recursos e vidas humanas que uma mudança muito lenta. A Igreja, como entidade conservadora, tem sido tradicionalmente um obstáculo para êste tipo de transformação. Por isso, reina desconfiança em relação a ela. Agora ela tem a oportunidade de corrigir esta imagem popular, convertendo-se num motor e num porta-bandeira — perante as classes dominantes — da última revolução: da revolução das massas que estão em expectativa. Da Igreja depende se êste mundo, que está surgindo dêste esfôrço coletivo, será uma nova sociedade de cidadãos dignos e livres, na qual se cumpre o mandamento do amor em Deus".

— O número de 15 de maio de 1965 é dedicado em grande parte à crise política na República Dominicana e ao papel que a Igreja nela desempenhou.

— O número de 15 de abril último descreve a situação da Igreja na Argentina desde 1930. Caracteriza-a com a palavra "Cristianismo irritado", por causa da tensão entre os vários grupos.

O PROBLEMA PASTORAL DAS GRANDES CIDADES

IGREJA EM FOCO — Inicia no seu número de março de 1965 a publicação dos estudos e depoimentos aceitos durante o Encontro Latino-Americano sôbre a pastoral de grandes cidades. Por ser assunto tão crucial em nossos dias, chamamos a atenção de todos os religiosos para êstes depoimentos. Para êsse fim, apresentamos em nossa Revista os assuntos e um pequeno resumo, na esperança de que os religiosos leiam os artigos integralmente.

— Nas pp. 53-63 do número de março, a "Igreja em Foco" publica o resumo das conclusões a que chegaram os conferencistas. Indicamos alguns tópicos: a urbanização cria um nôvo tipo de homem, o homem urbano; êste homem urbano será o homem comum do futuro, também no interior; na grande cidade, as relações primárias e globais tornam-se mais secundárias se funcionais; o homem urbano está diante do problema de sua afirmação pessoal e da comunhão fraterna com os outros; na grande cidade, a Igreja perdeu em parte o caráter de "sinal", capaz de revelar o mistério da Páscoa do Senhor e da comunhão em Cristo; suas estruturas não correspondem às necessidades da grande cidade; é preciso encontrar para o homem urbano uma expressão religiosa própria, bem diversa da religiosidade rural; uma pastoral *melhorada*

não é capaz de garantir a presença da Igreja na grande cidade — torna-se necessária uma mudança total de mentalidade, de enfoque e de realização da pastoral; a unidade pastoral da zona humana (e não da paróquia) parece um elemento essencial do nôvo enfoque.

— Nas pp. 64-72 o Revmo. Padre Segundo Galilea formula vários problemas pastorais que o fenômeno da urbanização coloca, por exemplo: diante da destruição dos sinais religiosos, será que para o homem urbano nossa liturgia e a linguagem da Bíblia ainda terão conteúdo psicológico? Será que a Igreja deve ter seu público próprio? E quando ela se dirige a outros públicos, isto deve ter sentido de evangelização ou apenas de pré-evangelização? Diante do fato de a urbanização despersonalizar as relações humanas, será que devemos insistir no testemunho pessoal dos católicos? Será que os meios modernos de comunicação não diminuem o caráter pessoal do testemunho? Será que o fato de grande parte da população urbana morar aqui e trabalhar ali ainda permite a formação de comunidades? Será que a família deve ter um papel crescente na liturgia e na educação? Será que devemos chegar a um cristianismo urbano, diferente do cristianismo rural? Será que devemos desinstitucionalizar cada vez mais a Igreja? Etc.

— O número de abril último, às pp. 79-109, publica a conferência de Padre José Comblin que abre perspectivas para uma visão teológica e pastoral sôbre a cidade. Depois de enumerar as falsas colocações do problema pastoral da grande cidade, assinala que, de acôrdo com as aspirações humanas, a cidade deve ser a expressão máxima do gênio humano, obra da ciência, da arte e da vontade humana, o ambiente, construído pelo homem para subtrair-se ao domínio da natureza. Na realidade, várias deformações impedem que o homem alcance êste objetivo. Por êste motivo, a Bíblia condena a cidade, porque toma a forma de pecado. Mas, por outro lado, das descrições da nova Jerusalém, podemos concluir que, ao término das obras divinas, o povo de Deus na nova criação vive em uma cidade. A nova Jerusalém realiza os elementos de cidade ideal, mas sua realização antecipada, a Igreja, ilumina tôdas as cidades humanas em que vivem cristãos. Depois, o autor examina a relação que deve existir entre a Igreja e a cidade: a Igreja local não se identifica com a cidade, nem se distancia dela, mas, trazendo a Igreja em si os atributos da Jerusalém celeste, não poderá deixar de transferir êstes atributos sôbre a cidade terrestre. Em seguida, o autor examina se na história da Igreja se encontra confirmação daquela tese. Da história tira a conclusão de que antes do mais nada se impõe um regresso ao "presbitério", e finalmente enumera as várias tarefas da Igreja dentro da cidade.

Departamento de Vocações da CRB informa:

O II Encontro Nacional de Dirigentes Vocacionais, antes marcado para 3-5 de maio, foi transferido para agôsto próximo, de 2 a 7. Será dedicado à revisão das atividades do ano que passou e que foi a primeira etapa do plano trienal: oração e formação. Ao mesmo tempo serão planejadas as atividades da segunda etapa.

Consultas — IX

Normas a Observar ao Pedir à Santa Sé a Aprovação Das Constituições e o Decreto de Louvor

Pergunta: *A nossa Congregação conta 150 religiosos professas. Será que êste número é suficiente para pedir à Santa Sé a aprovação das Constituições e o decreto de louvor? Que é que podemos ou devemos fazer para conseguir as duas concessões?*

— A praxe atual da Sagrada Congregação dos Religiosos requer o número mínimo de duzentas irmãs, tanto para dar a primeira aprovação das Constituições como para conceder o decreto de louvor, em virtude do qual uma Congregação de direito diocesano passa a ser de direito pontifício, com tôdas as conseqüências decorrentes do nôvo caráter. A exigência relativa ao número é a mesma em ambos os casos, uma vez que a primeira aprovação das Constituições é concedida juntamente com o dito decreto. Enquanto êste produz imediatamente todos os seus efeitos, a primeira aprovação das Constituições fica restringida a um setênio. Terminado êste e feitas as correções propostas, costuma a Santa Sé atender o nôvo pedido, concedendo a aprovação definitiva das Constituições e do Instituto. O processo bastante rigoroso, observado pela Sagrada Congregação, divide-se em três fases: 1.º — aprovação pela comissão dos consultores; 2.º — discussão do assunto no plenário da própria Congregação; 3.º — exposição da matéria ao Santo Padre. Levando na devida consideração êste processo, sem dúvida um tanto demorado, e o grande número de pedidos que constantemente chegam à Sagrada Congregação, não custará compreender os motivos das freqüentes demoras que costumam afligir tanto as congregações interessadas.

Sendo da alçada da Santa Sé insistir na condição do número ou dispensá-la, a Congregação consulente tem a liberdade de sondar a possibilidade de conseguir seu intento, sem que seja observada a condição. Todavia, não querendo fazê-lo, daremos a seguir duas espécies de normas: 1.º — para obter o pró-decreto de louvor e 2.º — para conseguir a primeira aprovação das Constituições juntamente com o decreto de louvor.

Normas para o pró-decreto de louvor

Se por falta de estabilidade, número suficiente de religiosas ou por qualquer outro motivo não fôr possível conseguir o decreto de louvor, restará à Congregação o recurso para obter o assim chamado "decreto de louvor menos pleno", denominado vulgarmente de "pró-decreto". Êste decreto, às vêzes concedido pela Santa Sé, confere senão todos, pelo menos alguns efeitos canônicos, como seja : a proteção da Santa Sé, a proibição de os Ordinários modificarem as Constituições ou impedirem a difusão da Congregação em outras dioceses, etc. Como entretanto não se trata do decreto de louvor pròpriamente dito, o caráter jurídico da Congregação continua sendo o mesmo, isto é, não passa de direito diocesano a direito pontifício. É tão-sòmente como se fôsse uma "aposição das mãos" por parte da Santa Sé.

Desejando a Congregação êste decreto, mandará à Sagrada Congregação dos Religiosos : 1.º — os documentos que a seguir mencionaremos, ao falar de decreto de louvor; 2.º — as Constituições, adaptadas ao Instituto de direito pontifício, excluindo apenas a demissão que continuará sob a competência do Ordinário do lugar, como o Código estatui para os membros das Congregações de direito diocesano.

Normas para conseguir a primeira aprovação das Constituições, juntamente com o decreto de louvor

1. Conforme as determinações da Sagrada Congregação dos Religiosos de 6 de março de 1921, o Instituto interessado deve : 1.º — fazer o pedido respectivo, endereçado ao Sumo Pontífice e assinado pela Superiora Geral com seu Conselho; 2.º — conseguir e remeter letras testemunhais de todos os Ordinários em cujas dioceses a Congregação tenha alguma casa, o que é muito importante; 3.º — enviar um relatório completo da Congregação, assinado pela Superiora Geral e suas Assistentes ou Conselheiras. Lembramos que êste relatório deve ser elaborado conforme o esquema fornecido por Roma para o relatório qüinqüenal, de maneira que as informações e respostas corresponderão às perguntas nêle formuladas. O desejo de ser feito em latim nem sempre poderá ser satisfeito. Para confirmar a verdade do exposto, deverá o relatório trazer também a assinatura do Ordinário do lugar, onde está situada a casa principal da Congregação.

2. Além disso, a Congregação está obrigada a enviar trinta exemplares, mais ou menos, das Constituições, aprovadas no passado

pelos bispos, mas já adaptadas à condição de uma Congregação de direito pontifício. Será portanto melhor fazer uma nova redação, imprimindo-as numa forma provisória e barata.

3. Juntar-se-á ainda uma cópia do decreto de ereção do Instituto, passado pelo Ordinário do lugar de então. Se, por qualquer causa, o Ordinário não tiver dado o decreto de ereção, observa-se o que a Sagrada Congregação dos Religiosos, aos 30 de novembro de 1922, (*AAS*, 14, 1922, 644-646) prescreveu para semelhantes casos. O mais importante é que o Ordinário local reconheça explicitamente, através de um decreto formal, a existência do Instituto e comunique tudo à Sagrada Congregação.

4. Finalmente, é preciso remeter um exemplar do Usual (comumente chamado *Diretório*), se existir, e o Ritual, usado por ocasião da vestição e profissão, caso a Congregação possua algum particularmente aprovado para ela (*Sagr. Cong. dos Rel.*, de 31 de março de 1919, em *AAS*, 11, 1919, 239).

5. *Para irmãs franciscanas exclusivamente*. — Em se tratando de terceiras franciscanas, é necessário ainda o diploma da agregação à Primeira Ordem, obtido do Ministro Geral, ou pelo menos uma cópia autêntica do mesmo. Neste caso, as Constituições hão de manifestar, claramente, o caráter e o espírito franciscanos (cf. Sartori Cosmas, O.F.M., *jurisprudentiae ecclesiasticae elementa*, ed. 3.ª, Roma, 1953, pp. 102-103).

Esperamos que as irmãs consulentes, orientadas pelos princípios expostos, alcançarão seu intento. Procedam, no entanto, calmamente, elaborando tudo com exatidão para que não haja delongas desnecessárias nem trabalhos excessivos para os membros da Sagrada Congregação. E, tendo possibilidade, aconselhem-se constantemente com um entendido na matéria.

FREI FRANCISCO XAVIER BOCKEY, O.F.M.

Os religiosos informam

O Instituto dos IRMÃOS DA SAGRADA FAMÍLIA — congregação religiosa laical de direito pontifício — abriu sua primeira casa no Brasil, na cidade de Marau, RS, (à Rua Júlio Borella, 1387, Cx. P. 39).

Esse Instituto foi fundado na França, em 1841, pelo Irmão Gabriel Taborin, onde hoje tem sua Casa-Geral (à Rue du Chapitre, 7, Belley, Ain), visando a educação da juventude. Os irmãos chegaram ao Brasil em 12 de dezembro de 1963, provenientes do Uruguai.

Recensões Bibliográficas

L. Buijs, S.J. — *Facultates Religiosorum concessae Rescripto Pontificio diei 6 nov. 1964*, Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma, 1965, 1 vol. br., 215x145 mm, 204 pp.

Mais depressa do que se poderia esperar, saiu êste comentário. O título indica que o livro trata das faculdades dos religiosos concedidas por rescrito pontifício no dia 6 de novembro de 1964. Acontece, no entanto, que o título, além de incompleto, foi mal escolhido. Pois o referido rescrito não concede faculdades aos religiosos, em sentido genérico, mas apenas aos moderadores supremos das religiões clericais de direito pontifício. Além disso — o que sob o ponto de vista doutrinário sinceramente aplaudimos — o livro dedica: as páginas 5 a 8 às faculdades que, em virtude do direito comum, competem aos superiores maiores nas religiões clericais isentas e não isentas; as páginas 165 a 173 às faculdades que assistem aos Legados da Santa Sé em relação aos religiosos em geral; e, finalmente, as páginas 165 a 198 às faculdades que competem aos Ordinários locais para com todos os religiosos em geral, quer no universo, quer particularmente em terras de missão. Restam portanto, para o assunto pròpriamente visado, as páginas 9 a 147.

Abstraindo da incongruência do título, devemos agradecer ao autor o ter nos oferecido o elenco completo dos favores de que todos os religiosos, ou parte dêles, se poderão aproveitar, através do recurso à autoridade competente.

Havendo, entre as faculdades concedidas aos moderadores supremos das religiões de direito pontifício, algumas inteiramente novas e outras semelhantes, mas não idênticas, às outorgadas aos Ordinários em terras de missão através das faculdades decenais e aos Ordinários locais em geral pelas faculdades qüinqüenais e, sobretudo, pelo *Motu Proprio* de 30 de novembro de 1963, vê-se a necessidade de dar uma interpretação bem cuidadosa de cada uma delas. O autor adotou um esquema claro e constante: texto da faculdade, direito comum, concessão contida na faculdade e indicação das autoridades com faculdades semelhantes. Desta maneira, é fácil conseguir o conhecimento do conteúdo e da extensão de cada uma das faculdades citadas. A simples apreciação do trabalho não nos permite enumerar as diversas faculdades, mas prometemos voltar ao assunto oportunamente. O comentário merece a atenção de todos os religiosos, mas recomendamo-lo, particularmente, aos Superiores e Ordinários dos lugares.

Fr. Pr. X.

Planos de Aulas (para os cinco anos do primário e a serem usados pelo catequista), publicação do Ofício Catequético Arquidiocesano de Salvador, BA, Editôra Mensageiro da Fé, 5 cadernos de 235x160 mm.

Estes PLANOS DE AULAS, que seguem o método vital, dão ao catequista um vasto material em gravuras, cartazes, faixas, textos bíblicos, imagens etc. A motivação é variada e bem adaptada a cada aula.

A palestra desenvolve uma idéia central e incute uma atitude de vida. As perguntas e respostas são curtas e compreensíveis às crianças. Há bom encadeamento entre as aulas. No terceiro ano seguem o ano litúrgico.

Sòmente algumas aulas são mais monótonas. E temos dúvidas se a moral como está contida na 17.ª aula do quarto ano ("perdoar aos

que nos fazem mal") corresponderá à psicologia do adolescente. Poderia dar-lhe a impressão de que passividade seja o ideal cristão. Parece-nos que aí a explicação corresponde tão-sòmente à psicologia de adultos.

Recomendamos a coleção a todos os que se ocupem com a catequese.

A.B.

LIVROS

Da Editôra Vozes, Petrópolis, RJ:

ANTÔNIO GALA — *Os Verdes Campos do Éden* (História dramática em duas partes — Col. "Diálogo da Ribalta" VIII), trad. de Manuel Bandeira, 1965, 1 vol. br., 215x140 mm, 128 pp.

KARL RAHNER, S.J.— *Missão e Graça*, II volume, (funções e estados de vida da Igreja), trad. do original alemão por Odilo Jaeger, S.J., 1965, 1 vol., br., br., 180x135 mm, 112 pp.

JOSÉ NARINO DE CAMPOS — *Diálogo essencial com o marxismo* (ensaio de interpretação filosófica e psicológica do materialismo moderno), 1965, 1 vol., bro., 180x135 mm, 112 pp.

FREI LUÍS ALVES MARIA SARTORI, O.F.M. — *Pastoral de Evangelização Operária*, 1965, 1 vol., br., 230x160 mm, 64 pp.

Introdução à Catequética, trad. de Maria Luiza Neri (VII da Col. "Catequese e Pastoral"), organizado pelo ISPAC da CNBB, 1965.

Da Livraria AGIR, Rio de Janeiro:

RENÉ GUERRE E MAURICE — *Padres Para o Meio Operário*, trad. do original francês por Pe. Tarcísio S. de Almeida, 1965, 1 vol. br., 185x110 mm, 184 pp., Cr$ 1 800.

RÉGIS JOLIVET — *Tratado de Filosofia*, III, Metafísica, trad. do original francês por Maria da Glória Pereira Pinto Alcure, 1965, 1 vol. br., 235x160 mm, 464 pp.

REVISTAS

Do Brasil:

Concilium — janeiro e fevereiro 1965, São Paulo.

Convivium — março e abril 1965, São Paulo.

Igreja em Foco — Ano II, nn. 2, 3 e 4, Rio de Janeiro.

Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos — jan.-março e abril-junho 1965, Rio de Janeiro.

Symposium — Ano VII, nn. 1 e 2, Recife.

Vozes — abril 1965, Petrópolis, RJ.

Do Exterior:

Carmelus — vol. 11, fasc. 2, 1964, Roma.

Comentarium Pro Religiosis — Ano XLV, vol. XLII, fasc. IV-V-VI, Roma.

Les Cahiers du Clergé Rural — abril 1965, Sèvres (França).

Lumen — abril 1965, Lisboa.

Salesianum — out.-dez. 1964, Torino (Itália).

Spicilegium Historicum. C.SS.R. — Ano XII, fasc. 2, Roma

Teologia y Vida — jan.-março 1965, Santiago do Chile.

Vida Religiosa — maio-junho 1965, Madri.

Vinculum — Ano XIII, n.º 65, jan.-fev. 1965, Bogotá.